

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**IGOR ANTONIO BARRETO**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE VIÁVEL NA PESQUISA LGBT**

**PONTA GROSSA**

**2023**

**IGOR ANTONIO BARRETO**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE VIÁVEL NA PESQUISA LGBT**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Araujo Braga.

**PONTA GROSSA**

**2023**

B273 Barreto, Igor Antonio  
A construção de uma identidade viável na pesquisa LGBT / Igor Antonio Barreto. Ponta Grossa, 2023.  
81 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Araujo Braga.

1. Linguagem. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Nova pragmática. 5. Teoria da performatividade. I. Braga, Lucimar Araujo. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III. T.

CDD: 808

IGOR ANTÔNIO BARRETO

**A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE VIÁVEL NA PESQUISA  
LGBT**

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de  
Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa,  
Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

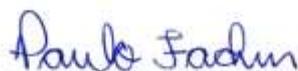
Ponta Grossa, 24 de março de 2023.



Prof.ª Dra Lucimar Araújo Braga – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.ª Dra Leticia Fraga – Universidade Federal do Paraná



Prof. Paulo César Fachin - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

## **AGRADECIMENTOS**

A todas as pessoas que se disponibilizaram a dividir comigo suas vidas para que, na escrita deste texto, pudéssemos ser nós, eu agradeço. Talvez tenha sido a primeira vez que me senti assim, nós. Vocês me fizeram reconhecer uma parte importante de mim. Este meu trabalho eu dedico a vocês e reafirmo meu compromisso com a ideia de uma sociedade justa e democrática, onde os gêneros não determinam papéis sociais e muito menos sejam medida para a dignidade humana.

Agradeço a minha orientadora, Lucimar Araújo Braga, pelo zelo com que me atendeu na construção deste processo e por ter me auxiliado a me reconstruir e transformar, tantas vezes. Agradeço pela relação que construímos e por dividir comigo este sonho possível.

A professora Letícia Fraga eu agradeço por me aproximar deste meu trabalho e por me ajudar a entender que minha escrita sou eu. Agradeço ao professor Paulo Fachin pela gentileza de propor novos referenciais para meu trabalho no processo de qualificação.

Gosto de reafirmar sempre que a Educação é para as pessoas. Precisamos tanto humanizar nossos espaços educacionais. A Educação não se consolida apenas na relação professor e aluno, ela extrapola. Eu agradeço à Vilma, secretária do mestrado, por sua capacidade de nos orientar, intervir e acolher. Você fez toda diferença neste processo.

## RESUMO

Nessa dissertação, preocupada com as questões de gênero e sexualidades, no campo dos estudos da linguagem, reflito sobre a construção de uma identidade viável na pesquisa LGBT, dando continuidade a um trajeto acadêmico e pessoal próprio, mas também compartilhado com a coletividade: a comunidade LGBT em suas infinitas expressões e corpos. E este é o objetivo geral deste trabalho, o de refletir a ação concreta da pesquisa acadêmica em linguagens, na vida das pessoas LGBT, apresentando olhares da comunidade LGBT em direção à universidade. A hipótese levantada, comprovada por esta empreitada, é de que a pesquisa acadêmica em linguagem, gênero e sexualidades – por mais que se proponha a isso – não consegue tocar, efetivamente, as vidas com que se importa. Orientam-me na Teoria da Performatividade, no âmbito da Nova Pragmática, Austin (1990); Butler (1997; 2003; 2004; 2021); Rajagopalan (2004; 2010) e Pinto (2013; 2015). Para trilhar esse caminho teórico-metodológico articulei a realização da revisão de literatura, feita no banco de pesquisas da Biblioteca Nacional Digital de Dissertações e Teses, resultando em oito trabalhos de mestrado; com o diálogo com doze pessoas identificadas pela dissidência de gênero e sexualidades, as quais por meio de questionário, produção manuscrita e entrevista transcrita, de acordo com suas demandas específicas, narraram-se, expressando como se compreendem, como compreendem gênero e sexualidades; como é ocupar no mundo sua posição identitária, os possíveis limites sociais encontrados, sua relação com o espaço universitário, e como visualizam e sentem a pesquisa no campo dos estudos da linguagem e a respeito de si mesmos. Esses procedimentos foram aprovados pelo Parecer 5.684.681. Partindo desse *corpus*, com a Análise Textual Discursiva (MORAES; GAGLIAZI, 2014), eu, enquanto professor e pesquisador LGBT, e as pessoas que estiveram e escrevem comigo, elaboramos as seguintes categorias para discussão: identidade em performances; o corpo palco de performances; a mesma universidade, diferentes espaços e posturas; violências; e acolhimentos. O que se apresentou como reflexão originada nas provocações, tentativas, idas e vindas do processo de escrita desse trabalho alcança as pessoas que pesquisam linguagem, quando digo que o questionamento sobre o lugar que ocupamos e nossos corpos deve ser constante; e que o reconhecimento às pessoas dissidentes de gênero e sexualidades, preocupando-nos com elas, sua vida, seus afetos, as possibilidades e potências, para além de sua contribuição com a pesquisa, não pode ausentar-se, como se vê contemporaneamente e como demonstrei, ao atribuir a elas o lugar de sujeitos de pesquisa. Além disso, constato que as instituições, especialmente a universidade, têm um longo caminho a percorrer, ampliando o acesso, e garantindo a permanência desses corpos, que hoje se veem, ao ferir as normatividades de gênero e sexualidades, condenados à margem. Com isso em mente, proponho ações de combate à LGBTfobia e suas violências, a serem adotadas no contexto em produzo, pesquisa, ensino, aprendo e vivo.

**Palavras-chave:** Linguagem. Gênero. Sexualidade. Nova Pragmática. Teoria da Performatividade.

## ABSTRACT

In this dissertation, concerned with issues of gender and sexualities in the field of language studies, I reflect on the construction of a viable identity in LGBT research, continuing my own academic and personal journey, now shared with the collectivity: the LGBT community in its infinite expressions and bodies. This paper's main objective is to reflect the concrete action of academic research in languages in the lives of LGBT people, presenting the LGBT community perspectives towards the university. The hypothesis raised, proven by this endeavor, is that academic research in language, gender, and sexualities – no matter how much it proposes to do so – fails to effectively reach the lives it cares about. Guiding me in Performativity Theory, within the New Pragmatics framework, are Austin (1990); Butler (1997; 2003; 2004; 2021); Rajagopalan (2004; 2010) and Pinto (2013; 2015). To follow this theoretical and methodological path, I articulated the literature review, conducted in Digital National Library of Dissertations and Theses, resulting in eight master's degree papers; with the dialogue with twelve people identified by the dissidence of gender and sexualities, which through questionnaire, handwritten production and transcribed interview, according to their specific demands, narrated themselves, expressing how they understand themselves, how they understand gender and sexualities; how it is to occupy their own identity position in the world, the possible social limits they encounter, their relationship with the university space, and how they visualize and feel the research in the field of language studies and about themselves. The procedures' approval is registered under the ethics committee process number 5.684.681. From this *corpus*, with the Textual Discourse Analysis (MORAES; GAGLIAZI, 2014), I, as a teacher and LGBT researcher, and the people who have been and written with me, developed the following categories for discussion: identity in performances; the body as a stage of performances; same university, different spaces and postures; violence; and acceptance. What presented itself as a primary consideration originated among provocations, attempts, comings and goings of this work writing process reaches people who research language, when I say that the questioning about the place we occupy and our bodies should be constant; and that the recognition of people identified by the dissidence of gender and sexualities, worrying about them, their life, their affections, the possibilities and potentials, beyond their contribution to research, cannot be absent, as is seen contemporarily and as I have demonstrated, by attributing to them the place of research subjects. Furthermore, I see that institutions, especially universities, have a long way to go in expanding access and guaranteeing the permanence of these bodies, which today find themselves condemned to the margins by violating the normativity of gender and sexualities. With this in mind, I propose actions to combat LGBTphobia and its violence, to be adopted in the context where I produce, research, teach, learn and live.

**Keywords:** Language. Gender. Sexuality. New Pragmatics. Performativity Theory.

## RESUMEN

En esta disertación, preocupada con cuestiones de género y sexualidades, en el campo de los estudios del lenguaje, reflexiono sobre la construcción de una identidad viable en la investigación LGBT, continuando mi propia trayectoria académica y personal, pero también compartida con la colectividad: la comunidad LGBT en sus infinitas expresiones y cuerpos. El objetivo general de este trabajo es el de reflexionar sobre la acción concreta de la investigación académica de los estudios del lenguaje en la vida de las personas LGBT, presentando percepciones de la comunidad LGBT hacia la universidad. La hipótesis planteada, comprobada por este empeño, es que la investigación académica sobre lenguaje, género y sexualidades – por más que se lo proponga – no logra alcanzar efectivamente las vidas que le importan. Me guían en la Teoría de la Performatividad, dentro del marco de la Nueva Pragmática, Austin (1990); Butler (1997; 2003; 2004; 2021); Rajagopalan (2004; 2010) y Pinto (2013; 2015). Para transitar este camino teórico y metodológico, articulé la revisión bibliográfica, realizada en la Biblioteca Nacional Digital de Disertaciones y Tesis, presentando ocho trabajos de maestría como resultado; con el diálogo con doce personas identificadas por la disidencia de género y sexualidades, que a través de cuestionario, producción manuscrita y entrevista transcrita, de acuerdo a sus demandas específicas, se narraron a sí mismas, expresando cómo se entienden a sí mismas, cómo entienden el género y las sexualidades, cómo es ocupar en el mundo su posición identitaria, los posibles límites sociales encontrados, su relación con el espacio universitario, y cómo ven y sienten la investigación en el campo de los estudios del lenguaje y sobre sí mismos. Estos procedimientos fueron aprobados por el proceso 5.684.681 del comité de ética de la universidad. A partir de este *corpus*, con el Análisis Textual del Discurso (MORAES; GAGLIAZI, 2014), yo, como docente e investigadora LGBT, y las personas que han estado y escriben conmigo, hemos desarrollado las siguientes categorías para la discusión: la identidad en las performances; el cuerpo como escenario de las performances; la misma universidad, diferentes espacios y posturas; la violencia; y la acogida. Lo que se presentó como una reflexión originada en las provocaciones, intentos, idas y venidas del proceso de escritura de este trabajo alcanza a las personas que investigan el lenguaje, cuando digo que el cuestionamiento sobre el lugar que ocupamos y nuestros cuerpos debe ser constante; y que el reconocimiento de las personas disidentes de género y sexualidades, la preocupación por ellas, su vida, sus afectos, las posibilidades y potencias, más allá de su contribución a la investigación, no puede estar ausente, como se ve contemporáneamente y como he mostrado, al atribuirles el lugar de sujetos de investigación. Además, observo que las instituciones, especialmente las universidades, tienen un largo camino por recorrer, ampliando el acceso y asegurando la permanencia de estos cuerpos, que hoy se encuentran, al herir las normatividades de género y sexualidades, condenados al margen. Con esto en mente, propongo acciones para combatir la LGBTfobia y su violencia, a ser adoptadas en el contexto en que produzco, investigo, enseño, aprendo y vivo.

**Palabras clave:** Lenguaje. Género. Sexualidad. Nueva pragmática. Teoría de la Performatividad.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2022.....	36
Quadro 2 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2021a.....	38
Quadro 3 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2021b.....	39
Quadro 4 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2021c.....	40
Quadro 5 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2020a.....	40
Quadro 6 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2020b.....	42
Quadro 7 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2019a.....	42
Quadro 8 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2019b.....	43
Quadro 9 – Perfil social com base nas respostas das pessoas participantes.....	47

## SUMÁRIO

<b>(PRÉ)TEXTO</b> .....	9
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – SUSTENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
1.1 SOMOS FEITOS DE LINGUAGENS.....	16
1.2 LINGUAGEM, PERFORMANCES – E OS ATOS DE FALA.....	17
1.3 O CORPO, PALCO DE PERFORMANCES.....	21
<b>CAPÍTULO 2 – O PROCESSO METODOLÓGICO</b> .....	31
<b>CAPÍTULO 3 – NÓS</b> .....	35
3.1 NOSSAS POTÊNCIAS.....	46
3.1.1 Categoria 1 – Identidade em performances.....	47
3.1.2 Categoria 2 – O corpo palco de performances.....	51
3.1.3 Categoria 3 – A mesma universidade, diferentes espaços e posturas.....	54
3.1.4 Categoria 4 – Violências.....	57
3.1.5 Categoria 5 – Acolhimentos.....	60
3.1.6 Não somos sujeitos de pesquisa.....	62
<b>ME DESPEDINDO</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	69
<b>APÊNDICE A – HIPERLINKS DAS DISSERTAÇÕES ACESSADAS NA PESQUISA</b> .....	72
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	75
<b>ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP/CONEP</b> .....	78

## PRÉ(TEXTO)

Início a minha dissertação de mestrado, avaliando o quanto de mim estaria presente nestas linhas e organizando meu pretexto – para ela – antecedendo as páginas que virão. Este texto é infinitamente conectado por aquilo que sou e vivo cotidianamente. O representado quando digo “sou” é resultado de constante adequação. Adequações para o reconhecimento na família; na igreja e no trabalho. De medo em medo e de crença em crença, tornei-me o que sou.

Não estou no armário, todavia, o armário me é proteção. Estou fora dele, mas ele está aberto e cotidianamente entro. É uma covardia minha – e também privilégio. Mais que tudo, é sobrevivência. Sempre me questiono: quem eu seria, caso não houvesse a necessidade de tantas performances em busca do reconhecimento? Não sou um amargurado, contudo essa consciência é importante para nos direcionar à felicidade de ser aquilo que se é. E o direito de ser, para mim, é sagrado.

É importante situar aqui quem sou, porque não considero mais possível que, nas atividades acadêmicas dos estudos da linguagem, dissociemo-nos daquilo que escrevemos. Nossas ações no mundo – por meio do exercício da linguagem – partem do nosso corpo e dos lugares em que estivemos e estamos situados. Aquilo que vou dispor aqui é enunciado por um corpo educado por inúmeras agências que me fizeram corrigir e desviar aquilo que eu poderia ter sido.

Minha escrita me aproxima de mim mesmo, vejo-me nu diante de todos os meus limites como pessoa LGBT<sup>1</sup>, ao mesmo tempo que considero que falo de um lugar distante, por recorrer ao armário – prisão e proteção – em determinadas ocasiões. É verdade que tive receio de produzir este texto sem ter conseguido, muitas vezes, produzir a mim mesmo com liberdade. Meu pretexto é esse, o da utopia de um mundo com corpos e identidades livres.

Sou professor e sonho com uma sociedade de fato justa e embasada em valores como a justiça, a democracia e a inclusão. E meu trabalho com a linguagem, com toda certeza, baseia-se nisso. São valores óbvios, são tempos de reafirmar o óbvio e lutar. Nestes enunciados, quando eu discutir as questões de gênero, sexualidades e linguagem, é importante também

---

<sup>1</sup> A escolha pelo uso da sigla “LGBT” se dá por seu uso corrente em espaços sociais e acadêmicos, incluindo minha experiência. Essa grafia contribui, também, para a fluência do texto e sua leitura. Refere-se a pessoas e identidades dissidentes de gênero e a compreendo como a representação do coletivo também intitulado LGBTQIAP+, que remete a lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, travestis e transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que não são/estão na cisheteronormatividade.

situar que meu lugar de leitura e aprendizagem é um grupo de estudos em currículo educacional e diversidades.

Desde o ano de 2016, estou vinculado ao Grupo de Estudos em Currículo Educacional e Diversidades; período e processo no qual desenvolvi pesquisas e ações no âmbito do currículo; da linguagem; do gênero e das sexualidades, realizando um recorte histórico dos currículos dos cursos de letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa, observando como se desenvolveu, no passar dos anos – e dos currículos – a abordagem a respeito das diversidades de gênero e sexualidades.

Defendi e justifiquei a importância de os cursos de licenciatura formarem profissionais capazes de compreender que é pela linguagem que fomos e somos colonizados, e é reproduzindo-a que a contribuímos para a estabilidade de grupos que têm direito à vida, e insegurança daqueles que precisam lutar por ela.

E agora, por meio desta minha prática textual, meu propósito é convidar que ocupemos o privilégio acadêmico para que, de fato, todos os corpos e identidades tenham oportunidade de enunciar e não sejam mais apenas a representação do real. É o que me move como pessoa LGBT, professor e aluno da pós-graduação em estudos da linguagem.

Esse caminho (BARRETO, 2017, 2018, 2019a e 2019b) iniciou com a busca de justificar exaustivamente a necessidade de que a formação de professores assegure a desconstrução de padrões sociais, principalmente, envolvendo o que se consolidou discursivamente acerca de ser homem e mulher e seus sexos, desejos e prazeres. Iniciou considerando que um currículo estranho representa mais, significa força maior e motriz de transformação.

## INTRODUÇÃO

E, se existimos, com direito a nome inclusive, as pessoas que não são nós (e a partir das quais fomos nomeadas ‘trans’) talvez precisassem de um nome também, um nome não que lhes desse existência (afinal, quem cogitaria duvidar que, por não terem nome, inexistem?), mas sim um que explicitasse a razão de nos terem definido enquanto quem cruza, traspassa (trapaça?), transgride uma certa linha, a saber, aquela que separa homem de mulher. A nomeação daquilo que seria não-trans, não-nós, surge duma necessidade muito nossa, de percebermos com cada vez mais clareza que a insuficiência daquilo que dizem que somos tem que ver, sobretudo, com a recusa em se situarem, em dizerem quem são, ao falarem de nós, dado que são essas as pessoas majoritariamente que falam de nós, por nós: se lhes damos um nome, ‘cis’, é para entender melhor do olhar que primeiro nos concedeu existência, do olhar que, hoje, começa a nos deixar existir.

(Amara Moira)<sup>2</sup>

Anteriormente, mencionei que diversos conflitos me tocam quando penso na minha identidade. Faço parte de uma comunidade heterogênea, efervescente identitariamente, e com mobilizações – e guerras – impossíveis de se registrar. Escrevendo desse espaço tão múltiplo, sinto-me pressionado, porque é inevitável que eu a represente, qualquer deslize na minha escrita pode produzir divisão e não é para isso que escrevo.

Considero válidas todas as discussões acadêmicas que nos reparam e nos engrandecem enquanto comunidade LGBT, todavia me preocupo que as metodologias e práticas textuais estejam nos transformando em uma grande cômoda cheia de gavetas, nesse caso, há gavetas que são mais espinhosas, enquanto outras são mais bonitas, não é? Precisamos nos despir de tantas construções discursivas que nos sustentam, pois escrevemos com pessoas; vidas que importam. Ou será que escrevemos partindo de representações que se estabilizaram ao longo dos anos? Não deveríamos.

O modelo de escrita acadêmica é passível de críticas, incita-nos a atingir e produzir conclusões inéditas a qualquer custo, em busca de reconhecimento. Muitas vezes, rompemos com aquilo que somos em nome de uma homogeneização da produção textual acadêmica – a escrita também é total performance do pesquisador.

Considero que essa premissa, de que devemos estar naquilo que produzimos, deve acompanhar todos nós, estudantes na área das linguagens, sobretudo quando falamos e escrevemos em um contexto de pessoas que sofrem as mais variadas formas de violência, no país que mais mata por fobia de gênero e sexualidades. E este é o objetivo geral deste

---

<sup>2</sup> Rodvalho (2017, p.367).

trabalho, o de refletir a ação concreta da pesquisa acadêmica em linguagens na vida das pessoas LGBT, apresentando olhares da comunidade LGBT em direção à universidade.

É esse contexto que abaliza minha primeira crise enquanto pesquisador e aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEPG: é possível dimensionar o impacto da minha pesquisa na vida das pessoas que tanto mencionei como subjugadas e sem direito a fala e a vida? Assim, apresento a hipótese<sup>3</sup> desta dissertação, a de que a pesquisa acadêmica em linguagem, gênero e sexualidades – por mais que se proponha a isso – não consegue tocar, efetivamente, as vidas com que se importa.

Minha escrita se dá em um contexto em que, mesmo na exaustão, preciso partir do óbvio. A exaustão não pode nos colocar no chão, por todos os que não podem ocupar espaços como o que ocupo aqui, neste processo de escrita. É importante sinalizar que tal hipótese se sustenta no meu contato com o conceito de performatividade, situado no campo da Nova Pragmática. É deste espaço teórico que conceituarei linguagem.

Para explicitar essa conexão entre a hipótese e a Nova Pragmática, antecipo que a reflexão acontece a partir de leituras de autor e autoras, que consideram que ao descrevermos a realidade, como as coisas são e funcionam – e, aqui, tomo a liberdade de me referir à descrição de realidades e identidades no contexto de pesquisa acadêmica – não estamos apenas construindo uma narrativa ou uma descrição, mas estamos corroborando para a construção daquilo que pensamos descrever.

Não há como sair ileso ou optar por um caminho de neutralidade. Eu mesmo terei produzido um novo efeito a partir da minha escrita, fico esperançoso de que seja um bom efeito. Por isso, reforço para que tenhamos o compromisso de pautar nossa produção de realidade na própria realidade nua e sem beleza. Não precisamos por beleza onde há fome, violência e subemprego.

Não podemos ser superficiais, precisamos entender que nosso privilégio – meu, enquanto pesquisador e pesquisador LGBT – não pode nos dar a sensação de que a realidade é um pouco mais bonita do que realmente é. Sintetizando, portanto, é imprescindível a transparência daquilo que reproduzimos e repetimos quando apresentamos pessoas, realidades e identidades. Afinal, é um desperdício de tempo dedicar toda uma pesquisa e escrita acadêmica ao “lattesfúndio”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Apresento minha hipótese ao tempo em que te convido a concluir comigo estas reflexões. Quando apresentei essas ideias para a qualificação, este texto continha diversas perguntas de pesquisa. Eu confundi os termos do gênero textual com as angústias nas quais mergulhei. Quero, nesta dissertação, apresentá-las sem o peso de entregar um produto a respeito delas.

<sup>4</sup> Estou emprestando a expressão da professora Claudiana Nogueira de Alencar (2014).

Portanto, quando atrelamos linguagem, gênero e sexualidades; para que ou para quem se pesquisa? De que lugar se pesquisa? Que tipo de práticas de gênero e sexualidades representamos, quando escrevemos e publicamos nossos textos? O fator resultante dessa crise será minha defesa, nesta dissertação, para que de fato tenhamos uma política de pesquisa e uma epistemologia que não seja hegemônica e que passe a transpor a ideia estável de representação das pessoas LGBT. É preciso desamparar o argumento binário e a produção textual da tolerância e da cordialidade entre as pessoas; e partir da premissa de que essas pessoas podem não ser compreendidas e representadas, efetivamente.

Para abalizar essa discussão, primeiro, visitei dissertações disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a fim de identificar os grupos semânticos nomeadores dos sujeitos da pesquisa e entender de que modo puderam ser agência de ações afirmativas. Ao apresentar esses enunciados, localizo também aqueles que compõem meu próprio trabalho.

Embasando-me, como mencionei, no âmbito da Teoria da Performatividade, com Austin (1990); Butler (1997; 2003; 2004; 2021); Rajagopalan (2004; 2010) e Pinto (2013; 2015), para defender que as metodologias nos estudos em linguagem, gênero, sexualidades e currículo educacional<sup>5</sup> partam sempre da premissa de considerar a relação entre corpos e textos. Só assim poderemos considerá-los, afinal, o corpo é palco das disputas de relações de poder, sendo indissociável das normas que o significam.

Joana Plaza Pinto (2013) considerou que Butler, ao inserir o corpo no âmbito da Teoria da Performatividade, teve sua discussão atravessada por dois problemas. O primeiro é o conceito de iterabilidade do ato de fala, de Derrida (1990), que consiste na repetição e transformação no discurso até que eles atuem diretamente sobre os corpos. Nossas nomeações, por meio da escrita acadêmica, não estariam diretamente ligadas a isso?

Em um segundo momento, não menos importante, está um problema político: o questionamento sobre como seria possível criar condições linguísticas de sobrevivência, apesar dos mecanismos violentos de interpelação.

Faço essa menção aqui, na introdução, justamente para reforçar minha reflexão de que é imprescindível considerar também a produção da pesquisa nesse âmbito da iterabilidade, ou seja, apegamo-nos a um grupo semântico e, por meio dessa repetição e alteração, criamos uma identidade viável – de um sujeito estável e mudo – para a escrita e para o sucesso da própria pesquisa.

---

<sup>5</sup> Aqui, não articulo teorias de currículo, mas não posso ignorar que toda minha prática no âmbito de gênero e sexualidades se constrói no contexto de currículo, e não em meu corpo.

Afinal, ao nomear, também estamos interpelando para que o outro seja, criando uma categoria para ele, ou consolidando uma categoria que é puramente semântica, não condizente com a realidade, e incapaz de se tornar ações afirmativas. Há muitos entrelugares<sup>6</sup> entre os lugares que a academia é capaz de ir ou trazer para si.

Essa também é a fragilidade da minha pesquisa e dissertação. Esses pensamentos são, acima de tudo, direcionados para mim, trabalhador da educação e LGBT e aluno de um programa de pós-graduação ainda fortemente atrelado à identidade. Portanto, não estou me colocando como censor, e sim buscando refletir a pesquisa em linguagem, gênero e sexualidades como mantenedora de um discurso específico sobre corpos, gênero e sexualidades dissidentes, com o objetivo de mencioná-los e manipular cada uma dessas menções.

Esse convite para termos responsabilidade de ação para com os sujeitos de nossas pesquisas e para que nos distanciemos de uma categoria universal de identidades será reiterado diversas vezes. Para isso, busquei narrativas de pessoas com corpos; gêneros e sexualidades dissidentes, a fim de trazer à tona a maneira como compreendem a si, o gênero e a sexualidade e como é ocupar sua posição identitária no mundo, os possíveis limites sociais encontrados e também a relação entre esses sujeitos com o espaço acadêmico, como visualizam e sentem a pesquisa no campo do gênero e das sexualidades, processos compreendidos a partir de suas narrativas.

Em 2018, o GECED<sup>7</sup> promoveu colóquios sobre currículo educacional e diversidades, viabilizados pela Pró-Reitoria de Extensão da UEPG. No primeiro deles, recebemos Amara Moira. Fomos provocados em diversos aspectos; e foi a primeira vez que fui levado a questionar que posições ocupamos quando nomeamos dentro de nossas manifestações da linguagem. E que há posições – vidas – que são isentas de serem nomeadas porque historicamente nomearam, fazendo jus à manutenção de seus privilégios.

Mais tarde, conheci o texto que apresentei ao iniciar esta seção, e é essa lógica que quero evocar, ao trazer para este trabalho de dissertação as vozes de pessoas que vivem e existem nos entrelugares da consolidada normatização. A consciência do nosso lugar de construção discursiva é essencial para a transformação e eficácia do trabalho acadêmico.

O texto de Amara Moira (RODOVALHO, 2017) me evoca a constatação de Butler (2021) quando discute o conceito de vida humana, no qual o ser humano só existe em

---

<sup>6</sup> Entrelugar como está posto aprendi pela primeira vez com Silvano Santiago, em *Uma literatura nos trópicos*; depois, com Pedro Paulo Gomes Pereira, em *Queer nos Trópicos*.

<sup>7</sup> Grupo de Estudos em Currículo Educacional e Diversidades.

contraposição àquilo que seria não humano. Vidas que merecem lágrimas e vidas que não merecem o choro. Precisamos encontrar caminhos nessa consciência para não corroborarmos com a manutenção dessas estruturas de poder, das quais nossos corpos são palco. E, principalmente, para não falar pelas pessoas como se elas precisassem de um resgate.

A escrita desta dissertação ocorrerá em três capítulos. No primeiro, apresento o referencial teórico que me acompanha nessa jornada acadêmica. Neste capítulo, organizo o que me orienta para definir a relação entre estudos da linguagem e os estudos de gênero. Escolho sustentar este texto fundamentado no âmbito da Nova Pragmática porque esse espaço teórico permite pensar a pesquisa como ação, mas também como pesquisa da própria ação, pois vai além do signo e abraça o primordial: a pessoa humana.

Neste mesmo contexto, estão situadas as discussões acerca de gênero. É apresentando a linguagem que nos conectamos a Judith Butler e voltamos ao Brasil, com Joana Plaza Pinto, Abigail Santos Leal e autores que situam conceitos e realidades que nos abrigam no espaço, no tempo e na identidade.

No segundo capítulo, apresento a jornada e a metodologia deste estudo, que teve os processos de organização e análise dos textos, das pessoas que me auxiliam a ter um lugar nessas linhas, fundamentados na Análise Textual Discursiva, proposta de Moraes e Galiazzi (2014). Esse método sustenta o pesquisador de modo que seja possível compreender qualitativamente os dados, gerando nova compreensão a respeito do contexto abordado. Nele, dedico-me a apresentar os quadros em que demonstro meu estudo bibliográfico a respeito das pesquisas em estudos da linguagem e gênero, desenvolvido para referencial teórico e como justificativa; e os retornos, expressos nas categorias elaboradas, dos diálogos com pessoas dissidentes de gênero e sexualidades tidos em questionários, narrativa manuscrita e entrevista transcrita.

Tendo feito essas considerações, despeço-me. Apresento minha perspectiva, as relações e reações que me afetaram na realização da pesquisa e como o conhecimento dos estudos da linguagem fazem parte deste processo, por vezes, de modo falho. Comprometo-me com ações, ao propor práticas de combate à violência e morte às quais as pessoas que me acompanham, e mesmo eu, estou exposto, e pelo fim da LGBTfobia, com proposições no âmbito da universidade.

Conecto-me com cada história, entendendo o meu lugar no mundo e, principalmente, como a linguagem não está para a pesquisa como uma refém, porque a linguagem é volátil, é plural e heterogênea. Dela somos constituídos e por ela nos libertamos.

## CAPÍTULO 1 – SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 SOMOS FEITOS DE LINGUAGENS

Linguagem é, assim, irreduzível à sua instrumentalidade, irreduzível ao seu contexto simples, e inapreensível em sua totalidade.

(Joana Plaza Pinto)

Ao apresentar os autores com quem dialogo para construir este trabalho, gostaria que você não entendesse esta seção como uma revisão dogmática a respeito da linguagem e gênero. Aqui, eu realizo uma expressão daquilo que me moldou como pessoa e pesquisador nos últimos anos. Foi com eles que a universidade pública me abraçou e me transformou.

Somos feitos de linguagem; fazemos por meio da linguagem; temos identidade nela e por meio dela. Inicio esta apresentação da minha sustentação teórica reafirmando minha conexão com uma visão performativa de linguagem<sup>8</sup>. Não foi uma escolha, e sim um processo, o de estar com uma teoria de performance – esse termo me acompanha desde o TCC, de 2018. Porque entendi, a partir da minha existência e do estudo, que é por meio das interações sociais – hierarquizadas historicamente – na construção dos atos de fala que nos damos conta daquilo que somos; do que podemos ser; do que passamos a ser porque há situações da vida que nos exigem, e assim por diante.

Essa defesa da linguagem como performance surge da necessidade que sinto e que me domina – principalmente no período de trevas, elaborado pelo quadro político de conservadorismo e emergência da extrema direita, acentuado a partir de 2018 – de discutirmos e refletirmos o poder da linguagem para a construção das nossas identidades, e as implicações da linguagem nesse processo. É assim sustentado que entendo que, com cada opção que fazemos representada na linguagem, distintas estilizações de gênero vêm à tona.

Organizo esta discussão defendendo que nossas identidades de gênero e sexualidades são performativas, uma vez que somos sujeitos da linguagem. E precisamos pensar sempre nisso para que possamos recobrar constantemente consciência sobre o significado que construímos por meio da ação linguística. Seja este produzido no corpo físico e por meio dele; seja por meio das interações no trabalho; por meio da escrita acadêmica, enfim, na infinitude das nossas interações, precisamos dar atenção para que esses significados sejam libertadores, e não reprodutores.

---

<sup>8</sup> Rajagopalan (2010).

## 1.2 LINGUAGEM, PERFORMANCES – E OS ATOS DE FALA

Convivemos em uma realidade volátil; é possível sentir e viver grandes mudanças em um curto período do tempo. A todo momento, novos sentidos são produzidos e nossos mais variados espaços de interação sofrem transformações simultâneas, com a velocidade que consumimos e temos acesso à informação.

Somos globalizados, capitalizados. Vivemos em um ritmo frenético, desconectando-nos cada vez mais da natureza, do bem-estar e da felicidade e consideramos estar em graus avançados e contínuos da evolução. Entretanto, o nosso campo de significados, os modos como utilizamos a linguagem e os modos como entendemos a nós mesmos não acompanham o que consideramos o ápice da evolução humana e remonta às normas e aos dispositivos da idade média; conectados a uma ideia binária e de dominação.

Em seu anseio por uma nova linguística, Rajagopalan (2004, p. 33) afirma a necessidade de deixarmos para trás o que chama de “lógica que nos aprisiona com uma camisa-de-força”, ainda nesse momento, o autor expressa que o caminho é entender a realidade como heterogênea, enquanto “composto de identidades que se acham em permanente estado de renovação e recriação”.

Não há espaço para uma compreensão limitada da linguagem. Nos anos iniciais do curso de letras, já encontramos um livro laranja, o curso de linguística geral do Saussure, por meio do qual nós nos esforçamos para encaixar e compreender a linguagem relacionando aspectos sonoros a um conceito – significante e significado. Longe de mim querer depor o curso de linguística geral, estou utilizando como exemplo para pensarmos que é perigoso e arriscado o entendimento de que os processos de construção do significado são fixos e estáveis.

Quando nos ancoramos neste lugar de compreensão binária da nossa linguagem, desconsideramos o potencial renovador e em constante recriação de que Rajagopalan (2010) menciona e assim traz à tona – a mesma medida que evoluímos – uma nova gama de significados para aquilo que é ser cisgênero; transexual; gay; viado; bicha; lésbica, e assim por diante. Portanto, quando construímos nossas pesquisas nesse campo é necessário viver a interação, relações humanas e reais; para que não sejamos reprodutores na camisa-de-força.

Entender a linguagem como performativa é um caminho para uma produção de sentido – na pesquisa acadêmica – que é capaz de tocar o humano e construir narrativas atuais que demonstram, de fato, o sofrimento do corpo para se constituir ou por não ter o poder de se constituir pessoa humana.

O estudioso e filósofo da linguagem John Langshaw Austin (1990) trouxe revelações e importantes reflexões sobre os estudos da linguagem, seja revolucionando a filosofia analítica, ou questionando postulados da linguística enquanto ciência autônoma. Com isso, fortaleceu e abriu caminhos para os estudos da linguagem ordinária, impactando os caminhos da filosofia analítica e a linguística.

Os filósofos acreditaram, durante muito tempo, que o objetivo de alguém, ao declarar alguma coisa, era somente descrever um estado de coisas ou declarar um fato da realidade, e que isso deveria ser verdadeiro ou falso, já os gramáticos acreditavam que as sentenças não serviam somente para fazer declarações, mas também para fazer perguntas e exclamações, sentenças que expressam ordens, desejos ou concessões (AUSTIN, 1990).

Entretanto, as limitações em tais afirmações fizeram com que gramáticos e filósofos, mesmo considerando vagas as questões em relação à sentença e à declaração, tidas, uma e outra, como semelhantes, concordavam que não era fácil distinguir uma sentença, nesse caso, uma pergunta, ordem, etc., de uma declaração.

Austin (1990), unindo a linguagem e a filosofia, rompeu com algumas barreiras dessas duas áreas de estudo, chamou a atenção para uma teoria que desse conta de explicar o que fazemos quando dizemos algo. Austin ocupou-se da reflexão acerca das funções da linguagem, avaliando se sua função seria somente a de descrever a realidade.

A isso nomeou de atos de fala, dividindo-os em atos constativos e atos performativos, uma explicação do autor é de que os primeiros podem descrever ou expor algo, enquanto os segundos têm o poder de fazer algo, executar.

Para o filósofo inglês, portanto, os atos performativos são os enunciados que, em seus contextos de produção, o modificam, realizando ações. É possível entender o performativo como a linguagem em ação, que considera a relação entre a linguagem e o mundo, isto é, o que se diz é de fato uma ação, não uma mera descrição da realidade. Com isso, podemos perceber que a linguagem é carregada de poder, tendo como objetivo agir sobre o outro e sobre o mundo, desse modo, nota-se que os estudos da linguagem jamais se distanciam do sujeito, analisando sempre os contextos em que está inserido, as suas circunstâncias e suas finalidades.

Em sua proposta, como já mencionado, o autor diferenciava esses atos dos atos constativos, a eles caberia a função de descrição, que seria confirmada por meio da verdade ou da falsidade – felicidade e infelicidade.

Assim, um enunciado como “minha roupa é verde” é classificado como descritivo e pode ser atestado por meio da verdade ou falsidade. Todavia, Austin<sup>9</sup> nos faz debater sobre os exemplos que seguem, retiro-os da obra do autor:

I – “Aceito (scilicet), esta mulher como minha legítima esposa” – do modo que é proferido no decurso de uma cerimônia de casamento.

II – “Lego a meu irmão este relógio” – tal como ocorre em um testamento.

Essas declarações não necessitam de nenhuma análise partindo dos conceitos de verdade ou falsidade, uma vez que eles não são descritores da realidade e assumem um comportamento de realizar ações.

Que nome daríamos a uma sentença ou a um proferimento deste tipo? Proponho denominá-la sentença performativa ou proferimento performativo, ou, de forma abreviada, ‘um performativo’. Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo ‘ação’, e indica que ao se emitir o proferimento está - se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo (AUSTIN, 1990, p. 35).

Uma vez que esses atos não são avaliados no contexto de verdade, o autor emprega dois termos que servem de ótica para a avaliação: felizes e infelizes, levando em conta seus impactos na realidade em que são proferidos. Para haver felicidade, o filósofo asseverou o que expressa o título de sua conferência “condições para performativos felizes”, ou seja, para que sejam felizes, deve haver um rito prévio ao que está sendo anunciado e circunstâncias apropriadas, observe:

(A, I) Deve existir um procedimento convencionalmente aceito que apresente um determinado efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas, em certas circunstâncias; e além disso, que (A.2) as pessoas e circunstâncias particulares, em cada caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado. (8. 1) O procedimento tem de ser executado, por todos os participantes, de modo correto e (8.2) completo. (1'. 1) Nos casos em que, como ocorre com frequência, o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa a instauração de uma conduta correspondente por parte de alguns dos participantes, então aquele que participa do procedimento, e o invoca deve de fato ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada, e, além disso, (r .2) devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente (AUSTIN, 1990, p.31).

Vamos nos atentar mais uma vez ao tradicional exemplo do batizado, o enunciado “*Eu te batizo fulaninho*” passa a ser eficaz, é feliz, se o contexto for uma cerimônia de batismo e

---

<sup>9</sup> Austin (1990, p.10).

enunciada por quem tem licença e autoridade para falar. A infelicidade do enunciado, para Austin, seria o mesmo enunciado sem a cerimônia de batismo e a pessoa com autoridade/licença, ocorrendo o que ele afirma ser um desacerto – ato sem efeito.

No meu primeiro ano de vida, fui batizado na igreja católica e também em um olho d'água. E me lembro que, na infância, alguém me disse que o batizado ocorrido no olho d'água não era válido. Eu era feliz demais com essa minha madrinha “informal”, e me recordo que isso me afetava demais. Evidente, depois entendi que o afeto ultrapassava as regras das condições para a eficácia do ato de fala sobre minha relação, mas o exemplo é clássico para entendermos que o poder da linguagem está atrelado ao seu contexto.

Contudo, nos anos noventa, o filósofo se afasta da sua divisão entre o constativo e o performativo, concluindo que todos os atos de fala são performativos, equivalendo assim o dizer e o fazer. Com isso, entendemos que a linguagem é carregada de poder, tendo como objetivo agir sobre o outro e sobre o mundo.

Precisamos compreender a linguagem como uma forma de ação e não só de descrição do mundo, incluímos na análise da linguagem uma série de fatores até então excluídos, como o contexto, o sujeito, a ação e seus efeitos. Entende-se que por trás de tudo que dizemos há uma responsabilidade, carregando a ideia de que este ato é um acontecimento com início e fim já definidos. Quando se diz algo, ao mesmo tempo, faz-se algo, tudo que dizemos tem uma intenção e, com isso, uma significação.

Dediquei essa revisão ao performativo, pois são, também, as novas óticas sobre e a partir do conceito que sustentam esta escrita e que são aprofundadas nesta sequência, iniciando com a leitura de Derrida<sup>10</sup> (1979) acerca do performativo. O filósofo se distancia do entendimento austiniano das condições de felicidade e insere uma reflexão a respeito da maneira como os enunciados tornam-se “felizes”, afirmando que seriam por citação ou repetição.

É nesse contexto de citacionalidade e iterabilidade que se insere Judith Butler, que dialoga com Derrida a partir de Austin. Para os dois pensadores, é com a repetição que os atos performativos ganham força num espaço atemporal, permeado por hierarquias, lutas de classe e poder. Não menos importante está a isto atrelado o contexto da (Nova) Pragmática, no Brasil, aqui marcado pela leitura do trabalho da Joana Plaza Pinto (2013; 2015), que insere na discussão um espaço central para mim, o corpo. O corpo é parte da estrutura da relação de

---

<sup>10</sup> Esta leitura foi me apresentada nos artigos de *Nova Pragmática, modos de fazer*.

poder. O corpo supera a estrutura do ato de fala. Não é mais possível, para mim e minha prática, dissociá-los, e nisso embaso a seção acerca de gênero.

Também é importante mencionar que a professora Joana<sup>11</sup> enfatiza no contexto da pragmática, sustentada em Austin (1990), Butler (1997) e Derrida (1990)<sup>12</sup>, a premissa de que as práticas também são performativas que se transformam em impactos geradores do que se intenciona descrever.

Quando, por meio da prática pesquisa/escrita acadêmica, por exemplo, não apenas descrevemos – constativamente – o mundo e o contexto da nossa pesquisa, mas impactamos performativamente o contexto no qual nos inserimos e nos referimos. Evoco isso não para provocar o pensamento sobre o quanto iremos impactar, e sim, o quanto somos já performados na nossa prática de pesquisa e escrita. Em que nós nos orientamos? Nossa prática consegue quebrar esta parede da repetição? Conseguimos nos aproximar de uma produção real do conhecimento? Nossa prática consegue afetar os seres humanos que julga defender e descrever?

### 1.3 O CORPO, PALCO DE PERFORMANCES

*Se o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele.*

(Texto do então deputado e membro da comissão de direitos humanos Jair Messias Bolsonaro, em 2010, ao programa Participação Popular, na TV Câmara).

*Atenção, atenção. É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa.*

(Damares Alves, em sua cerimônia de posse no Ministério dos Direitos Humanos, em 2019).

Para trazer consciência para a maneira como compreendo as relações de gênero e sexualidades, gosto de iniciar com a discussão de Butler (2004), sobre a vida humana, afinal, isso é o que está acima de tudo, a dignidade da vida.

De certa maneira, a expressão vida humana designa um termo de difícil definição já que o termo humano não significa simplesmente vida e sim que a vida relaciona o humano com o que não é humano e vivente, e assim estabelece o que é humano em meio dessa racionalidade (BUTLER, 2004, p. 30, tradução nossa).

---

<sup>11</sup> Pinto (2014).

<sup>12</sup> Referências são do trabalho citado. As obras que tenho são edições posteriores.

Para Butler (2004), o humano só é capaz de ser humano quando se relaciona com o não humano, isto é, a identidade precisa existir em oposição à outra para que se concretize. Para que o termo humano se consolide socialmente, é preciso que justapostamente se concretize o não humano. E essas relações não estão distantes, nós as concretizamos constantemente, mesmo que não tenhamos autonomia ou consciência diante de tal ato.

Cada vez que reproduzimos uma piada que fere o negro, os/as homossexuais, os/as/es trans, as mulheres, os homens – heterossexuais ou não – afeminados e as mulheres – heterossexuais ou não – masculinizadas, nós reforçamos a nossa condição de humano mais viável para a sociedade por ser aproximado de uma norma que garante maior reconhecimento social: homem, heterossexual, branco e europeu, como já asseverado.

Então, quer dizer que nos aproximamos de uma norma que nos garante status na sociedade? Sim! Butler (2004) chama essas normas de códigos de operações de poder, pelas quais se constitui o humano viável, e ainda ressalta que esse poder emerge na linguagem.

Assim, expressamos o conceito de identidade que orienta esta pesquisa: é o de uma identidade performativa, uma identidade de performances que transcende a individualidade humana, ou seja, a definição de “eu sou” se dá em função do aceite ou não de “um outro”, e não parte da individualidade do indivíduo. Uma identidade constantemente associada ao desejo de reconhecimento e de status.

O indivíduo, para Butler (2004), funciona como uma estrutura de linguagem em constante formação e justamente nas relações dialógicas do discurso é que ele se constitui. Como se fosse a identidade um processo de adequação social para, assim, tornar-se humano com identidade viável.

Afinal, gênero e sexualidades enquanto identidades são caixinhas inventadas com, na e por meio das relações linguísticas e, a todo momento, precisamos avaliar o impacto disso ao nosso redor. Continuamente, construímos com a linguagem – fazemos, como coloca Austin, ao passo que, enquanto fazemos, somos constantemente feitos, ela nos identifica e, ao nos identificar, confere ao corpo o direito à existência na vida. Por isso me preocupo que enquanto professores e pesquisadores estejamos sempre atentos a qual direção nos levam os nossos usos da linguagem. Só deve haver uma possível, afinal, a linguagem mata, fere, rouba o direito ao riso, ao amor, à alimentação, ao trabalho, enfim, a todas as possibilidades de constituir-se como humano.

Podemos compreender isso ao olhar para os enunciados no entorno dos famosos “chá de revelação”, populares na internet: “é uma menina!”, “é um menino!”. Em uma rápida pesquisa, vê-se pais emocionados ou frustrados diante das revelações. Uma pessoa não

nascida é capaz de provocar diversas reações, mesmo que não haja interação linguística. Isso está contido nas cargas históricas da construção do gênero. Não estou sugerindo novas formas de enunciar o gênero, o “chá de revelação” é apenas um exemplo de contexto. Há inúmeros.

O que urge é nitidez quando enunciamos. Butler (2003), quando aborda questões performativas, insere nova possibilidade da ação performativa admitindo um caráter de prescrição e de interpelação. Com o exemplo, podemos verificar que o corpo é inserido desde o ventre em uma forma; e, por meio da projeção da realidade, essa forma indica aquilo que se espera do corpo, ou seja, há padrões legitimados para ele amar, sentir, vestir, andar, sentar, ouvir, brincar, ter prazer. Isto demonstra o conceito de gênero performado. O gênero será vivido dentro do embate entre o real e o que está popularizado e legitimado. É feliz quem nasce em conformidade.

Este espaço de discussão concorda, portanto, como já mencionado, que a pessoa passa a ser construída na linguagem, e que este processo não acontece aleatoriamente, mas, sim, por meio de uma regulação feroz, pela qual a pessoa se adequa aos cenários de modo a não ter sua vida cerceada. Ao passo que quem fere essas normatividades de gênero e sexualidades é condenado à margem. Entender a linguagem como performances é importantíssimo para refletir a linguagem em ação por meio do corpo e sua ação no corpo, ao longo da história.

A identidade é móvel e distante de qualquer forma estática. Afinal, por meio das nossas interações diárias transformamos outras pessoas e nos transformamos. É partindo de nossa experiência no mundo que construímos nossa forma e maneira de ação social. E abordar identidade neste momento é importante, afinal a linguagem de cada uma das narrativas dará corpo a aspectos de identidade e subjetividade

Portanto, considero que esta identidade performativa, porque se constitui na performance linguística, está a serviço do processo de subalternização, pois este é um movimento que se realiza entre grupos discursivos em condições de hierarquia, onde um se reformula constantemente para ser aceito por e como o outro.

Identidade performativa não se trata de uma identidade efêmera, ou ainda, uma em que os indivíduos podem constantemente viver suas identidades por meio de performances, e, sim, que a linguagem interpela o sujeito a ser. As formações ideológicas de determinada sociedade fazem com que existam diversas maneiras de ser homem e mulher, bem como que seja possível afirmar que ser homem ou mulher, hoje, não é o mesmo que significou no século passado e este exercício de escrita impele a trazer à tona essas amarras, pois a identidade atrelada à linguagem está integralmente sujeita às relações de poder que a perpassa.

A tentativa de conceituar identidade não é tranquila, reitero que consideramos uma hierarquização da diferença, isto é, a identidade torna-se o exercício que faz o indivíduo para ser aceito grupo detentor de uma identidade viável. Podemos denominar como “identidade viável” a esses grupos referências para a performativização das identidades. Quando pensamos em uma identidade fixa, associamos a um espaço privilegiado, logo, suas constituições são: homem, heterossexual, jovem, branco, rico, morador dos centros urbanos. O grupo se vale de uma linha de discursos e normas sociais que ditam os requisitos para que nos tornemos humanos ou não. Portanto, o esforço para cumprir os requisitos para ser reconhecido como humano viável é estar configurado ao espaço subalterno da relação de poder. Esta constatação deveria nos motivar enquanto educadores e pesquisadores, justamente para não sermos fio condutor desses discursos que dão estabilidade a essa nociva relação de poder. É preciso nomear.

Cada uma das narrativas abordadas é produzida por um sujeito de fala, que Pinto (2015) assevera como alguém que produz corporalmente o ato de fala. O ato precisa do corpo, exige o corpo, materializa-se no corpo. Ação no ato de fala e na linguagem é ação no corpo. E considerar essa ação é considerar a relação integral entre o corpo socialmente situado e a linguagem produzida por ele. Butler (2003) assevera esse corpo como um processo ativo de corporificação de certas possibilidades culturais e históricas, um processo complexo de apropriação de culturas e normas.

Quando apresentamos nosso conceito de identidade, apresentamos justamente para que se tornasse mais fácil, aqui, o entendimento acerca da definição de gênero. Para Butler (2004), os gêneros são performativos. Construídos a partir do desejo de reconhecimento que se dá em uma relação dialógica entre o indivíduo e suas agências:

O gênero particular não se faz sozinho. Constantemente o fazemos com o outro, ainda que o outro seja imaginário. O que é chamado de meu próprio gênero às vezes pode aparecer como algo que alguém cria ou que realmente pertence a ele. Entretanto os termos que constroem o gênero se encontram, desde o início fora de nós, em uma sociedade que não tem apenas um autor (BUTLER, 2004, p.14).

Somos agenciados a sermos homens e mulheres: se a criança no útero tem um pênis será um menino, usará azul e não brincarará com boneca. Há um construto social sobre o gênero biológico, que é determinado pelo discurso e pela repetição, ou seja, é pela repetição dos atos de fala que o corpo é institucionalizado. Entretanto, Butler, (2004) esclarece que considerar o gênero como uma atividade performada constantemente não significa considerá-lo um

processo automático ou mecânico, a autora o afirma como uma prática de improviso em um cenário constrangedor – e de opressão.

Então, separar o gênero de todos os discursos que agenciam, causando a opressão – a injustiça social; favorecendo que os homens ganhem mais que as mulheres; impondo a elas obrigações sub-humanas. Separar do gênero os discursos que condenam as travestis e as/os/es transexuais à prostituição. Separar o gênero do discurso opressor é o melhor caminho para que, no futuro, tenhamos uma sociedade onde gênero não defina papel/protagonismo social.

Não existe uma única forma de ser homem, nem uma única forma de ser mulher. Nem sempre o gênero corresponde ao sexo biológico. Há quem se travista, há quem use hormônios, há quem recorra a cirurgias de redesignação. Há quem não se identifique com nenhum gênero. E esta realidade precisa vencer e superar as identidades estabilizadas construídas para os gêneros.

Para Butler (2003, p. 56), como asseverado aqui, o gênero “é a estilização repetida do corpo, uma série de atos repetidos dentro dos quais um enquadramento altamente rígido e regulador se solidifica com o passar do tempo para produzir a aparência de substância, um tipo natural de ser”.

Esse é um marco em que a compreensão acerca dos gêneros passa a ser entendida a partir do estudo da linguagem considerando o corpo afetado, ou seja, aquilo que faz a regulação e cerceamento do corpo – quando identifica e imprime o direito à vida – é o aspecto performativo da linguagem e o afeto e consequências no corpo são as performances. Por isso, assim intitulamos a seção *o corpo, palco de performances*.

Afinal, é o corpo quem recebe o impacto daquilo que é dito e escrito e compreendido e reproduzido e violentado. Por isso, é preciso recordar-se sempre de que deveriam ser aspectos indissociáveis na pesquisa. É preocupante avançar a pesquisa em gênero e sexualidades sem considerar que linguagem e corpo estão como irmãos siameses. O discurso não passa fome; não é subjugado no mercado de trabalho, não apanha na rua, nem é negado em casa, nem é impedido de amar. Urge que sejamos, enquanto ocupantes de um espaço privilegiado, propositores de um novo horizonte onde a vida humana seja nossa preocupação integral.

Sei que não estamos ilesos de, neste campo de trabalho, pensarmos em categorias do gênero. Não estou propondo nenhum meio de refutação. Todas as discussões no campo com certeza são transformadoras da realidade em que se situam. Contudo, é preciso ter clareza quanto aos nossos objetivos nesses processos de escrita e produção. Cada um deles é uma chance de transformação real. Mas, como garantir um processo eficaz quando nos aproximamos cada vez mais de um modelo neoliberal dentro de nossos ambientes de atuação?

Onde a produção escrita é exigida em massa e em rankings, sem levar em conta seus aspectos afirmativos.

Mencionando o termo categoria no parágrafo anterior, gostaria de apontar que Butler (2003) redige sobre a ânsia de separar ou esmiuçar algo em uma determinada categoria identitária: quando categorizamos, damos sentido e tornamos real. Tornamos real, pois passa a fazer parte de nós mesmos e, em cada espaço onde impactamos outras identidades, materializaremos estas categorias a que nos apegamos e que nos afastam do que é real.

É por meio da linguagem que aprendemos a nos comportar e quais espaços podemos ocupar. É por meio da linguagem que sabemos que funções sociais podemos desempenhar. Para a filósofa, a identidade é produzida na linguagem, pela linguagem. É ela quem nos libertará. Isso é o que configura uma visão performativa de gênero, ou seja, o gênero pode ser construído com o que expressamos, por meio da atividade do nosso corpo.

Acredite, eu tenho receio de usar camisetas com temáticas LGBT, ao passo que adoraria usar sempre. Sonho em uma das minhas aulas sobre *Grande Sertão: Veredas* dizer que Riobaldo de fato se apaixonou por Diadorim, dizer que quando Riobaldo diz “Diadorim é minha neblina”, ele está perdidamente apaixonado por um corpo que não era o feminino. São performances que nossos corpos encenam para existir e, para Butler (2003), esse fazer o gênero pela linguagem dialoga com o uso de máscaras.

Essa relação gênero/máscara gerou inúmeras e pesadas críticas à obra de Butler, como as tecidas por Spivak (2010). De fato, Butler fala de um espaço que diverge de nossa realidade latino-americana. É branca, professora universitária, estado-unidense e, algumas vezes, esquece que há quem não possua o direito de performar.

Portanto, é válido quando criticamos a obra de Butler imprimindo a ideia de que o gênero seria algo fácil e à disposição do sujeito para ser alternado conforme a vontade das pessoas. O que é um problema, sim. Porque há quem tenha direito nato a essa alternância e quem não possua. Um homem branco, por exemplo, que usa perucas, com trejeitos femininos, tem seus discursos validados muitas vezes, em detrimento de uma travesti, por exemplo.

Contudo, o que Butler (2003) propõe é que podemos compreender gênero como uma sobreposição dessas máscaras. Uma sobreposição contínua. E é a partir desse aspecto que aprendi a entender gênero. Como se fosse o gênero uma adequação constante que toma forma de matéria.

A consequência é que o que seria um disfarce e proteção para o rosto real passa a ser naturalizado, a ponto de não ser mais possível distinguir aquilo que é performance e aquilo que é gênero. Passamos por tantos processos de regulação da nossa expressão, por tantos

processos de busca de tornar-se viável, tornar-se legítimo, ser aceito, que já nem sabemos mais de onde foi que partimos e nem se queríamos chegar a algum lugar. Como professor, sinto muito que seja tão complexo estudar a linguagem sob esta ótica. Os censores sempre estão de plantão.

Gosto demais de abordar esse assunto por meio da obra *Persona* de Clarice Lispector. Mesmo tendo clareza de que a agonia dela era outra, ela expõe perfeitamente o que aqui discutimos:

Não, não é que se faça mal em deixar o próprio rosto exposto à sensibilidade. Mas é que esse rosto que estava nu poderia, ao ferir-se, fechar-se sozinho em súbita máscara involuntária e terrível. É, pois, menos perigoso escolher sozinho ser uma *pessoa*. Escolher a própria máscara é o primeiro gesto voluntário humano. E solitário. Mas quando enfim se afivela a máscara daquilo que se escolheu para representar-se e representar o mundo, o corpo ganha uma nova firmeza, a cabeça ergue-se altiva como a de quem superou um obstáculo. A pessoa é (LISPECTOR, 1999, p. 80).

Escolher a própria máscara é o primeiro gesto humano. Por isso escrevi anteriormente que somos sempre agenciados, quem vem antes de nós nos categoriza homens e mulheres, e, com base na anatomia do sexo, firma-se um contrato para os comportamentos humanos. Essa concepção demonstra a existência de uma rigidez para com determinadas performances, isto é, há ações que são reconhecidas e legitimadas pela nossa relação linguística, histórica e social. De um homem, hétero ou não, espera-se que atue dentro do que cabe a essa categoria. Do contrário, as punições estão sempre à espreita.

Talvez eu esteja sendo um pouco insistente nas minhas afirmações do gênero como performance, entretanto faço para que, como educadores e pesquisadores, possamos parar e pensar de que modo contribuimos com a legitimação destas performatividades e performances. Somos capazes de romper? Somos capazes de visualizar? De fazer visualizar? Nosso trabalho como professores vai muito além do respeito, é a ética da nossa profissão contribuir para a liberdade dos corpos.

Assim, Butler (2003) apresenta o conceito de “matriz de inteligibilidade de gênero”, registra a atuação para a reprodução de ideias binárias separando os corpos em dois grupos, o masculino e o feminino. Esta constatação é para questionarmos os artifícios socioculturais que alimentam e dão vida ao que a filósofa chamou de matriz de inteligibilidade de gênero.

Guacira Lopes Louro (2012) nos apresenta outra concepção, que é o da heterossexualidade e cisgeneridade compulsória. Atrelando à heterossexualidade e cisgeneridade conceitos como naturalidade, universalidade e normalidade. Logo, institui o que

é estranho, anormal e antinatural. abigail Campos Leal (2021) expressa essa discussão por meio da expressão “corpos biopoliticamente designados” e “terrorismo cis-héteros”.

Todas estas autoras apontam, portanto, que nossas subjetividades estão fortemente atreladas ao caráter binário dos gêneros, chamo especial atenção ao espaço que a abigail ocupa para afirmar a pressão e manutenção do estado para com nossos corpos. Principalmente com os corpos que são dissidentes das categorias legitimadas.

Ou seja, quando nossos corpos e performances entram em conflito com aquilo que está legitimado, são categorizados como corpos problema. Veja bem, vamos à sala de aula. A nossa dificuldade em lidar com uma identidade que escapa de nossa compreensão fortemente amarrada à matriz de compreensão binária do gênero nos torna, sem dúvida, o que Leal (2021) chama de terroristas da cis-heteronormatividade.

Nós estamos tão seguros da nossa identidade privilegiada que entendemos que o problema é nosso aluno trans, é nosso aluno afeminado, é nossa aluna travesti, é nossa aluna trans, é nosso aluno que rompe com o que está designado a ele. Enquanto o problema nos antecede há muito tempo, porque nos formou há muito tempo. Não tenho dúvida que os impactos da nossa postura escolar são o ponto principal da evasão dessas pessoas. Evidente; quem quer estar em um espaço onde não possui o direito de ser ou onde é considerado um problema?

Estou nesse aparte de falar como professor porque pode parecer simples a tarefa de transformar esse espaço. Mas não é. Temos medo de inúmeras consequências. Preferimos proteger esses nossos alunos no armário (prefiro ignorar que muitos de nós preferem ignorar). Mais que formação, mais que material, falta-nos reconhecer nosso privilégio e romper com a ideia de que o problema está sempre no dissidente. Até quando, em nome do nosso conforto, abriremos mão disso? Até quando eu, em nome do meu conforto, abrirei mão para atuar e transformar à luz do dia?

Como pessoas, precisamos responder com força a esse molde, atuando como estranhos, como subversivos, para que assim novos efeitos e sentidos sejam constantemente produzidos na linguagem. Precisamos refletir como seres linguísticos sobre a possibilidade de romper com os limites do gênero possibilitando fluidez nessas categorias: “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2003, p. 25).

Isso, evidente, visando contribuir com uma nova elaboração do que entendemos como vida humana. Fluidez nas categorias para a construção da dignidade humana. Desperta-me

muita preocupação quando me deparo com pessoas muito próximas a mim, professores viados, como eu, e até mesmo pesquisadores que se apossam desta possibilidade e fazem dela um recurso da própria felicidade. Sei que ninguém é obrigado, mas somos muitos e muitas passando fome e sendo assassinados e mortas para que o nosso ápice de transgressão seja formar uma comunidade de gays, divas pops e simpatizantes e ignorar as violências que alcançam uma maioria, sem essas possibilidades.

Como firmo meu trabalho nesse campo da performatividade e concordando que os gêneros assumem essa característica, busco expressar com meu trabalho a importância de nos conectarmos enquanto comunidade para trazer à tona as mais variadas faces das performances de gênero e sexualidades. Falar com e estar junto é essencial para que possamos construir uma nova visão a respeito de nós e do mundo. Por isso, busco a narrativa de pessoas que comigo formam esse espaço identitário, mesmo que de distintas maneiras.

A noção de identidade performativa como construção social é atribuída também à sexualidade, por Judith Butler (2004), que não o faz de maneira simplista. Se feito uma leitura descuidada, poderíamos pensar que passa a existir uma contradição; uma vez que a autora afirma que as normas não exercem um controle integral sobre as identidades.

Apresenta-nos essa concepção com base no ideal da psicanálise: de que as sexualidades humanas não podem ser capturadas por nenhuma regra e de que as sexualidades não podem nunca reduzir-se a um efeito de uma ou outra operação de poder. Entretanto, segue asseverando que isso não significa serem as sexualidades um aspecto da identidade que escapa de sua teoria, sendo, assim, livre e selvagem (BUTLER, 2004).

A sexualidade funciona como uma maneira de transportar significados sobre entendimentos culturais, afinal, é enraizado o discurso de que o gênero deverá definir a sexualidade. Um exemplo é a grande incompreensão acerca das pessoas trans lésbicas ou gays. Grosso modo, não faz mais sentido um ser masculino biologicamente redesignar-se feminino e atrair-se por mulheres, ou, ao contrário, então, seriam duplos: a subalternização por meio do discurso e o pecado.

Michel Foucault (1994), em sua *História da Sexualidade – A vontade de Saber*, aponta que o termo sexualidade surgiu no século XIX, e que seu uso esteve sempre atrelado ao surgimento e organização de diversos campos responsáveis por gerir o comportamento do homem.

Assim, conduz à compreensão de que a sexualidade também não é uma constante universal, mas se trata de uma construção discursiva marcada historicamente, ou seja, o discurso em torno do sexo é permeado pela história e, em cada momento histórico, houve uma

maneira de configurar o sexo, isto é: nossas sexualidades podem ser produtos de dispositivos que regem e nos coagem.

O autor, quando produz a sua história da sexualidade, nega a existência de uma repressão literal das sexualidades, ao longo de sua análise histórica, assevera a tênue linha entre as sexualidades e o poder, quando assegura que o sexo não foi necessariamente interdito ou proibido, e, sim, que há um processo de incitação e discursivização do sexo.

Discursivizado, o sexo expandiu-se no espaço do exercício do poder. As instituições que dominaram o poder e o conhecimento durante o século XVII criaram mecanismos para falar do sexo e para falar dele cada vez mais, de forma detalhada e explícita (FOUCAULT, 1994). Incita-se, molda-se o próprio desejo para depois condenar. E o mecanismo original usado para essa produção de uma realidade discursiva que é usada para administrar os indivíduos é, segundo Foucault (1994), o sacramento da confissão da Igreja Católica.

O confessor é apresentado como uma fábrica de verdades, ou seja, o indivíduo é incitado a confessar, a discursivizar seu sexo com os mais sórdidos detalhes (FOUCAULT, 1994) e, depois, cumprir penitências pelo seu pecado tornado discurso. Um exame minucioso de como a população se relacionava com sua prática sexual, justamente para trazer à tona aos poderosos se estaria essa população “seguindo as regras” e não fugindo da norma preestabelecida, na tentativa de impedir que as sexualidades polimorfos fossem vividas.

Constatando que a soma de todos esses fatores históricos e do discurso é a produção de uma infinidade de verdades que nos assombram até hoje: a heteronormatividade na sexualidade, o ideal de lícito e ilícito nas relações humanas e nosso pudor e hipocrisia ao falar do nosso sexo, sendo, segundo Foucault (1994), no final do século XVIII, a pastoral cristã; o direito canônico e a lei civil as grandes agências que induziram tais verdades e estabeleceram o limite entre o que é sexualmente lícito e não lícito.

## CAPÍTULO 2 – O PROCESSO METODOLÓGICO

A lógica do meu projeto apresentado na seleção do mestrado é o que Butler (2003) apresenta como subversão dos enunciados. Processo que culmina na teoria queer, movimento que ressignifica os constativos e marcadores de gênero e sexualidades.

Como, por exemplo, o próprio termo “queer” que, originalmente, era usado para ofender os transviados da heteronormatividade. Posteriormente, passa a ser adotado como símbolo. Ou seja, a ideia do projeto apresentado foi: se pela linguagem nós decidimos quem merece viver; viver bem; viver mal e morrer; é possível que essa mesma linguagem possa ser cenário de desconstrução. Ao menos que seja cenário de crise de epistemologias.

Aqui, gostaria de marcar também a questão do silêncio. O problema maior dos desviados de normas de gênero nos espaços sociais como a escola, por exemplo: você pode existir sem poder ser. Nós não podemos enunciar nada que possa ferir essa legislação. Ao mesmo tempo que não há nada que não seja de conhecimento de todos. E o todo também precisa fingir que não existe ali um profissional que não é heterossexual, por exemplo.

Portanto, não basta se dizer pesquisador e tentar dar espaço a essa discussão. Eu entendo a necessidade do recorte, mas o que me questiono é: como dar voz sem calar? Esse meu problema com a identidade performada no espaço da escola não é nada diante da realidade das travestis e transexuais; dos homens afeminados e mulheres masculinizadas.

Afinal, essas pessoas não conseguem performar heteronormatividade. A linguagem ou o silêncio já não são mais suficientes. A essas pessoas resta a fome! É interessante como o não dizer (armário) é nocivo, pois anula a identidade, rouba o direito de a pessoa ser, ao mesmo tempo que é capaz de proteger àqueles que basta ficar em silêncio, àquele que não tem nenhuma outra denúncia em seu próprio corpo.

E o lugar que Judith Butler fala está mais aproximado da pessoa que é beneficiada pelo armário do que pela pessoa que não está. Ou seja, mesmo silenciado, eu tenho capacidade e espaço (que eu pago com meu silêncio) para articular algumas subversões. Enquanto a outras pessoas só resta a sub-humanidade.

Talvez meu sentimento seja o de dar um passo atrás, no que se refere a nossa prática metodológica, de escrita e de pesquisa, a complexidade tornou-se muito grande para mim. Como se até então eu ignorasse entrelugares que existem entre as subclasses e subalternidades que estão constatadas nas literaturas que versam sobre gênero e sexualidades.

Mas elas contemplam uma epistemologia não hegemônica. E isso se torna intrinsecamente ligado à questão de desentendimento e performatividade. Eu ousou pensar que

há uma concepção hegemônica no meio acadêmico a respeito da produção sobre gêneros e sexualidades. E é perigoso me aproximar de uma linguagem que fere essa concepção acadêmica.

Tenho medo que, ao trazer à tona uma realidade que está dividida entre aqueles que são subalternos e os que não são, acabe por produzir uma nova norma estabelecendo limites. Pois quando apresentamos que a identidade x está oprimida por y podemos justapostamente ignorar e anular uma demanda social muito mais ampla.

Para mim, isto é evidente quando as pesquisas apresentam o termo homossexual; transgênero. Homossexual é uma coisa, viado é outra. Ambas as identidades existem, a do homossexual é validada pelas pesquisas; a do viado, não. Percebo também que as pesquisas não enunciam a palavra travesti, como se travesti fosse ofensa. Há diferentes silêncios e diferentes consequências.

Movido por essas questões, busquei ler dissertações disponíveis na Biblioteca Digital de Dissertações, que passam a integrar os meus dados. As dissertações são do período compreendido entre 2019 e 2022, e me auxiliaram na identificação dos grupos semânticos de nomeação dos sujeitos para colaborar na elaboração do embasamento teórico deste texto. Outra importância foi a do contato com a revisão da produção no mesmo âmbito desse meu trabalho, nos últimos cinco anos.

Para localizar essas dissertações utilizei as palavras-chave: gênero, sexualidade e linguagem. E esse é o recorte que optei por realizar, o da leitura de dissertações na área da linguagem nos últimos quatro anos, a fim de manter coerência e contribuir para a discussão. Para isso, considere os trabalhos que envolveram linguagem e o ensino da linguagem<sup>13</sup>.

Enquanto isso, a organização do *corpus* da pesquisa, que consiste nas narrativas de pessoas LGBT de diferentes esferas sociais, deu-se da seguinte maneira: apresentei um convite em redes sociais a todas as pessoas para a produção desta narrativa. Ao todo, foram dezoito indicações de disponibilidade.

Contudo, compreendeu-se no processo de orientação que o ideal seria submeter a proposta a um comitê de ética. Submeteu-se ao Comitê de Ética da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo esta pesquisa autorizada no mês de setembro de 2022 (Anexo A). A partir desse mês, foram retomados os contatos com as pessoas que haviam se disponibilizado no primeiro convite. Desta ocasião, formou-se um grupo de doze participantes que assinaram os termos de autorização e livre consentimento para a participação na pesquisa.

---

<sup>13</sup> Ainda no texto de qualificação, eu havia mencionado os trabalhos na área de literatura e educação. No processo de orientação, entendemos que seria ideal focar na área na qual meu trabalho se insere.

A construção dessas narrativas se deu pelo contato direto entre o pesquisador e os participantes, acontecendo em três formas: quatro pessoas utilizaram o google *forms* para apresentar sua narrativa; sete pessoas produziram manuscritos; no contato com um participante, a narrativa foi transcrita por mim.

Todos foram convidados a construir narrativas de si expressando a maneira como compreendem a si mesmo, o gênero e a sexualidade. Como é ocupar no mundo sua posição identitária, os possíveis limites sociais encontrados e a mencionar sua relação com o espaço universitário, e como visualiza e sente a pesquisa no campo e a respeito de si mesmos.

Todas as pessoas participantes, na entrega das narrativas, responderam a um questionário que permitiu traçar um perfil social de cada um. Esse questionário também foi submetido à avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Esta pesquisa configura-se como qualitativa, tendo como objeto de estudo a linguagem em seu uso social e local de determinados grupos sociais, conectando-se às questões de gênero, classe, sexualidade, raça, etnia, cultura, identidade, políticas, ideologia e discurso; sustentada pelo que assevera Rajagopalan (2001), em suas defesas de uma nova linguística e pragmática:

Quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para questões práticas. Não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral (RAJAGOPALAN, 2001, p. 12).

A abordagem desta pesquisa ganha este aspecto – qualitativo – pois ela permite “construir significados a partir de elementos informativos obtidos” (TELLES, 2002, p. 101) e, justapostamente, conecta-nos a outros contextos, contextos estes que muitas vezes não nos são conhecidos.

Neste trabalho de pesquisa, o que importa metodologicamente é o que dizem essas mulheres, homens e travestis a respeito de suas vidas e ações pessoais, é a partir dessas vozes que me proponho a construir os significados deste trabalho, interpretando a qualidade dos dados e identidades que surgem nas narrativas obtidas por meio da interação direta entre mim e as pessoas que me disponibilizaram suas percepções.

No aspecto da organização e análise dos dados, este trabalho de pesquisa se aproximará da proposta da Análise Textual Discursiva (ATD). Os autores propõem a organização e análise nas seguintes fases: pré-análise, exploração do material e tratamento

dos resultados (MORAES; GAGLIAZI, 2014). Este método sustenta o pesquisador, de modo que seja possível manusear e compreender qualitativamente os dados, gerando nova compreensão a respeito do contexto abordado.

A análise textual discursiva visa a construção de metatextos analíticos que expressem os sentidos lidos num conjunto de textos. A estrutura textual é construída por categorias e subcategorias resultantes da análise. Os textos são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto e as teorizações a respeito do que foi investigado (MORAES; GAGLIAZI, 2014, p. 32).

A ATD é um método para analisar dados e informações de forma qualitativa, com o objetivo de gerar novos entendimentos das identidades sinalizadas por meio do contexto da linguagem e discurso empregados nas narrativas. A partir desse exercício de análise, proponho-me à exposição dos significados de ser que é carregado por cada uma das pessoas que empregou voz nesta pesquisa:

Nossos exercícios de comunicação carregam junto nossas teorias e visões de mundo. Nós nos constituímos na linguagem e não temos como sair dela para observar um fenômeno. Enxergamos as coisas, percebemos os fenômenos, lemos textos, agimos sempre a partir de referenciais teóricos constitutivos de nossos domínios linguísticos (MORAES; GALIAZZI, 2014, p. 31).

Os autores entendem esse método como a congruência entre organização e reorganização dos cenários de produção discursiva e textual, tratando de produzir sentidos por meio do conjunto de expressões que forma o *corpus* desta pesquisa. Meu trabalho enquanto pesquisador será, portanto, o de demonstrar os sentidos subjetivos presentes neste *corpus*: narrativas de pessoas que têm corpos e sexualidades dissidentes, como nos entendemos e como e se entendemos o olhar da pesquisa e universidade para nossos corpos.

### CAPÍTULO 3 – NÓS

*Ninguém tinha que ter que se esforçar tanto para sobreviver.*  
(Excerto de uma das narrativas).

Esta seção vai apresentar o processo de buscas que fiz para compreender como nós que escrevemos sobre identidades LGBT nos relacionamos com essas pessoas, se entendemos que são pessoas. Se partimos da concepção de que o ato de fala precisa do corpo para se concretizar (BUTLER, 2003; PINTO, 2015). Se manifestamos, em nossa escrita, a responsabilidade pelas pessoas.

Aqui, também manifestarão as vozes das pessoas que puderam me lembrar que somos nós. Que eu falo de um lugar onde somos muitos e muitas. Este trabalho, sobretudo, é um marco na minha vida, pelo qual me entendi integralmente enquanto pessoa LGBT, depois dele, cotidianamente, entendo que tudo é escolha e passo cada vez mais a me despedir do armário e da proteção que ele dá. Este trabalho me permitiu conhecer as pessoas de quem antes eu gostaria de escrever sobre e entender que eu sou. Eu, essas pessoas e minha escrita somos, nesse momento, convite para que a pesquisa em linguagem, gênero e sexualidades se aproxime cada vez mais do humano, independentemente de seus recortes e objetivos.

Inicialmente, busquei na Biblioteca Nacional Digital de Dissertações e Teses, dissertações que abordassem temáticas de identidades de gênero e sexualidades associados à linguagem. As palavras-chave utilizadas no buscador foram: gênero, sexualidade e linguagem. O resultado é o trabalho de diversas áreas do conhecimento distribuídas em programas de pós-graduação em mídias, em educação, em saúde, em psicologia, em ciências sociais, linguagens e literatura.

Nesse plano geral, identifiquei que as metodologias dessas pesquisas consideram as identidades de pessoas dissidentes como um dado estável estruturado e amparado pela própria produção na área. O que se justifica pelo uso das denominações LGBT e homossexual, como se essas interpelações representassem um único sujeito.

Outro aspecto que é importante de notar é o afastamento da pesquisa e produção do conhecimento no campo da linguagem, gênero e sexualidades de um local que é próximo do corpo que carrega a marca de ser. Não podemos nos configurar como um campo que discorre excessivamente sobre como a sociedade deveria comportar-se diante das dissidências, mas estar sempre atento a como vivem estas dissidências em nosso contexto de universidade; programa de pós-graduação e pesquisa.

Esse distanciamento do real pode ser constatado, portanto, pela consideração de LGBT/homossexual como categoria estável, manipulável e sem personalidade, vida e lágrima e também pelo *corpus* dessas pesquisas que, em números muito próximos à sua totalidade, buscam a manifestação deste corpo estável e universalizado em espaços que estão representados na Figura 1, abaixo:

Figura 1 – Mapa de organização dos espaços de pesquisa em gênero e sexualidades com base nas informações geradas pelo buscador da biblioteca



Fonte: O autor, 2023.

Desse grupo, elenquei as dissertações na área dos estudos da linguagem para situar meu trabalho nesse contexto de ciência e também para entender os objetivos ao escrever no campo de gênero, linguagem e sexualidades. Apresento aqui o resultado dessa busca, organizei quadros com as informações que permitem a visualização de um panorama dessa área de atuação, com as informações a respeito da nomeação das pessoas LGBT, discutindo as proximidades e distanciamentos em relação ao que defendo neste texto. Disponibilizarei no Apêndice A o quadro com os hiperlinks que localizam esses textos em seus bancos.

Quadro 1 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2022  
(continua)

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	O crime de estupro no Brasil: uma análise discursiva do processo de silenciamento da mulher. Ana Paula Reckziegel Venson, 2022.

Fonte: O autor, 2023.

Quadro 1 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2022  
(conclusão)

Objetivo	Analisar, à luz da análise de discurso francesa, o Código Penal de 1940, especificamente os enunciados que definem o crime de estupro e outros que, de alguma forma, tratam deste crime, da vítima e do agressor.
Conclusão	Identifica um discurso patriarcal opressor que atua para o silenciamento da mulher, que determina a posição da vítima e imputa muitas vezes a ela a culpa pelo crime, levando à desistência das denúncias, por exemplo.

Fonte: O autor, 2023.

Essa leitura contribuiu para o meu entendimento de que, realmente, a linguagem nos faz e nos violenta. Afinal, poderia a linguagem nos ferir se não fôssemos, de alguma forma, seres linguísticos, seres que necessitam da própria linguagem para existir? (BUTLER, 2021). A linguagem que sustenta e configura o discurso patriarcal opressor que afirma o que é estupro e que, muitas vezes, culpabiliza a vítima, é a mesma que nomeia o corpo mulher.

A dissertação já apresenta no título a categoria de gênero em que se insere: mulher. Sei que a resposta para este questionamento já está pronto: “é preciso delimitar os recortes no texto”, “é preciso ser objetivo” Concordo que sejam processos essenciais ao processo de escrita, mas não podem ser limitadores para nossa atuação enquanto pesquisadores. Mas precisamos garantir que a linguagem seja capaz de atuar em transformação. O que descrevo quando digo mulher?

Não quero criar aqui uma situação conflituosa e dizer que o termo mulher passa a representar outros corpos; apenas não podemos ignorar que a categoria abraça o que historicamente está legitimado, referindo-me ao conceito de matriz de inteligibilidade de gênero ou ao cis compulsório. Que intersecções são possíveis quando categorizo o gênero morando no país que mais mata e violenta mulheres trans e travestis no mundo?

Delimitar temáticas não é problema, mas, enquanto pesquisadores, precisamos articular melhor nossas interpelações de gênero. Não é uma competição entre quem sofre mais ou menos violências físicas e simbólicas, é apenas capacidade de olhar o mundo além do limite historicamente construído para o nome que damos, porque quando o escolhemos, podemos corroborar com uma higienização da qual, muitas vezes, nem temos consciência.

Observe que até o ano de 2022, por exemplo, as mulheres trans e travestis que sofressem violências de seus parceiros não eram amparadas pela chamada Lei Maria da Penha. Isso quer dizer que a lei não considerava seus corpos como femininos. Equivalia seus corpos aos corpos de seus agressores. A lei vigeu durante dezesseis anos apenas para o que a

norma – e todos nós quando fazemos a escolha de nominar – compreendia como mulher, ou seja, um corpo anatomicamente feminino. Delimitar discussões não é problema, digo mais uma vez, mas precisamos ter consciência e responsabilidade diante das nossas escolhas. Não somos ilhas, não deveríamos ser.

Quadro 2 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2021a

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	Entre ecos e reflexos: uma autoetnografia das performances de masculinidades online no Grindr. João Carvalho de Souza Jr., 2021.
Objetivo	O autor analisa a sua atuação linguística em um aplicativo que visa a aproximação de homens gays, localizando seu trabalho no âmbito da linguística aplicada.
Conclusão	Conclui que há constructos homonormativos dos quais se aproximam homens gays para afirmarem-se como merecedores do afeto/prazer buscado.

Fonte: o autor, 2023.

O autor, que se afirma como um homem gay, considera, ao mapear seus textos em interações no aplicativo de relacionamentos *Grindr*, que se distanciou daquilo que é para ter o direito ao afeto ou ao prazer, por diversas vezes. Confirmando que construímos o nosso gênero (performance) conforme os espaços a que estamos vinculados, buscando o reconhecimento.

Sobre si mesmo, o autor apresenta duas nomeações (uma para o gênero e outra para a sexualidade): homem e gay. Quando diz que modificou seu comportamento para convencer outros homens gays, acaba por afirmar que não há estabilidades dentro de nossas identidades.

Nosso gênero e sexualidades os fazemos em performances. O que significa ser homem e gay? No espaço do aplicativo *Grindr* essas nomeações gritam, é muito comum encontrarmos homens reforçando o estereótipo da matriz de gênero, ou seja, a masculinidade – macheza – em detrimento do fato de se atrair por pessoas do mesmo gênero, por exemplo, “não sou e não curto afeminados”; “busco semelhantes”; isso sem contar a infinitude de homens que recusam identificar-se e tentam os encontros no sigilo, como escrevem. Na sequência, retomarei esse aspecto, da sexualidade e prazer às escondidas.

Além da aversão aos corpos afeminados, esse espaço de relacionamento tem aversão aos corpos gordos. Esse é um ponto que futuramente quero retomar. O corpo afeminado e/ou gordo desfaz o gênero e te joga aos leões. São corpos que não têm direito ao afeto e ao prazer. Isso também é produto da performatividade. Com a menção a esse trabalho, gostaria de

reafirmar o risco que corremos quando optamos por utilizar os nomes sem situá-los ao corpo, ao espaço, ao local, à dor e à alegria de ser.

Quadro 3 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2021b

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	“Desce do salto e vai viver”: uma análise interdiscursiva do movimento #KuToo. Ana Paula Virardo Barboza, 2021.
Objetivo	Analisar o movimento nativo digital que se apropria do símbolo “salto alto” para denunciar violências de gênero. O trabalho localiza-se na análise de discurso de linha francesa e também faz uma apresentação do histórico do movimento feminista, por meio das suas ondas.
Conclusão	Após o rastreio e análise do movimento na internet, a autora conclui que no Twitter o movimento possui cenografia de protesto; no Instagram, de confronto; e no Change.org, uma cenografia de ativismo.

Fonte: O autor, 2023.

Dentre os trabalhos da busca, essa dissertação é que mais se distancia daquilo que eu venho insistindo desde as primeiras linhas deste texto. Reforço, novamente, que não invalido com essa minha demonstração nenhum trabalho. Só me causa estranhamento que façamos recortes e dediquemos tempo e orçamento para a titulação, enquanto acreditamos que estamos sendo agentes de transformação. Ao passo que tenho medo de escrever isso e estar fazendo o mesmo.

Distancia-se porque atua inteiramente sobre o discurso nas redes sociais e também porque considero que suas nomeações não conseguem romper com os simbolismos dos modelos normativos de gênero, por exemplo, atrelar fortemente a figura do salto alto ao nome mulher. Quando nos desconectamos da pessoa e nos apegamos à categoria e ao nome, como, nesse caso, mulheres e salto alto, criamos um impedimento para atuar com mais crítica aos próprios movimentos e militâncias no âmbito do gênero e sexualidades, ainda mais se tratando de movimentos em rede. A quem minha militância atinge? A que tipo de relações me coloco a serviço? Meus movimentos e lutas são direcionados a minha própria bolha e conforto ou consigo visualizar o mundo além de mim mesmo?

Pois, escrever como se a cisgeneridade e heterossexualidade fossem as identidades naturais e livres de serem resultados de processos histórico-culturais é objetificador. Menciono porque é muito fácil cairmos na armadilha de pensar que somos, como cis, o

regime da verdade, e que por isso temos autoridade de categorizar as identidades como se fossem somente estas passíveis de serem nomeadas e marcadas com um gênero.

Quadro 4 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2021c

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	Processos referenciais e estratégias argumentativo-retóricas como indícios do <i>ethos</i> discursivo do ativista LGBT. Samuel de Souza Matos, 2021.
Objetivo	O trabalho está vinculado, por seu autor, à linguística textual. Tem por objetivo analisar textualmente o <i>ethos</i> discursivo de ativistas LGBTs bem como as estratégias argumentativas que envolvem a atuação contra a lgbtfobia em Aracaju – SE.
Conclusão	Identifica a constituição de um <i>ethos</i> discursivo de resistência enquanto coletivo e comunidade, bem como de resistências cotidianas nos espaços individuais em que se vive. Por meio do trabalho, o autor também descreveu um <i>ethos</i> individualista e cruel da pessoa lgbtfóbica.

Fonte: O autor, 2023.

Quadro 5 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2020a

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	Arquegenealogia bajubeira: uma análise de práticas de poder e resistência. Pedro Anácio Camanaro, 2020.
Objetivo	Atrelado à análise de discurso de linha francesa, o trabalho analisa, a partir do Exame Nacional do Ensino Médio de 2018, os cenários do que apresenta como sujeito bajubá, um sujeito mencionado na prova em questão e que resiste e é resistência a uma visão binária da sexualidade baseado na obra de Michel Foucault.
Conclusão	O trabalho, após uma análise cartográfica deste grupo identitário, afirma o bajubá como espaço de cuidado de si e como espaço onde as vivências passam por subjetivações a partir de relações políticas e que são construídas como se fossem obras de arte.

Fonte: O autor, 2023.

A leitura dessas dissertações me remete à ativista travesti Luana Muniz, a Rainha da Lapa, ela disse que se uma travesti não marcar território, é sucumbida. Depois, ao trabalho de dissertação da Ronna Freitas Oliveira (2022), quando escreve que não temos a obrigação de ocupar todos os lugares. Com estas conexões, passei a questionar a minha atuação como um corpo viado e despertar a consciência de que essa atuação precisa acontecer, cada vez mais, com o corpo, e menos somente com a linguagem.

As conclusões da dissertação, mencionada no Quadro 4, apresentam pessoas que dedicam a existência para resistir por si mesmas e por nós; enfrentando um *ethos* cruel e individualista. Vou fazendo essas menções, como a da Luana e da Ronna, para lembrar que nesse espaço de produção, na maioria das vezes, somos nós por nós, por isso não podemos esquecer que somos. Sempre nós.

Antes de nós, outros nós lutaram e ocuparam esse espaço acadêmico onde permanecemos. Antes disso, morreram e foram torturadas. Hoje, morrem e não vivem. Portanto, esse não é um espaço de naturalidade, e precisamos atuar sempre nesse entendimento para que possamos acessar de modo mais integral o entorno universitário e da pesquisa acadêmica.

No Quadro 5, o autor nos apresenta uma leitura da identidade bajubeira, marcada pelo uso do dialeto bajubá, próprio de grupos da comunidade LGBT. Põe as subjetividades como se fossem telas pintadas por meio da luta. Pessoas que fazem do próprio corpo manifestações contra as formas normativas. Nesse espaço, não sem opressão, o corpo reivindica para si o ato da nomeação e se constrói e se faz e se cuida. Expressa por meio de si, concreta e visivelmente, inclusive por meio da língua, a subversão da matriz de gênero, identificando que as possibilidades de identidade são imensas e podem não caber naquilo que buscamos descrever em nossas atividades acadêmicas.

Acredito que quando nos deparamos com a realidade das dissertações em questão, onde ocupamos o tempo todo com o comportamento de resistir apesar, apesar e apesar para que não nos sucumbam; e também quando nos sentimos exaustos de tantos apesares, devemos nos perguntar se quando somos nomeados – ativistas, pesquisadores no campo do gênero e sexualidades, aqui no espaço de produção acadêmica – não seríamos guardados dentro de um compartimento acadêmico que interessa somente a nós mesmos? Nossas produções têm importância para quem, além de nós mesmos? Nos eventos que propomos quem está, além de nós mesmos?

Nossa postura briguenta diante do mundo e nos espaços acadêmicos que ocupamos parte de um pressuposto sentido e vivido, não é sobre o discurso acadêmico. A homotransfobia e suas violências operam sobre os corpos. A matriz geradora da inteligência binária atua sobre os corpos. São diretamente os corpos – os nossos – que são violentados por meio da linguagem, são classificados como inadequados, é assim que nós, LGBT, muitas vezes não conseguimos suportar os espaços formais de ensino. Depois, conforme a régua performativa, não nos suportam no mercado de trabalho e nos entregam o que julgam que

merecemos, informalizando-nos no mundo. A violência sobre os corpos é muito concreta, e sobre corpos muito específicos. Estamos juntos ou não? Somos nós ou não?

Quadro 6 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2020b

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	Diversidade sexual e de gênero nas aulas de inglês: a formação de cidadãos críticos em contexto de vulnerabilidade social. Felipe Trevisan, 2020.
Objetivo	Investigar as relações entre o ensino de língua estrangeira e a formação de sujeitos críticos quanto às questões de gênero e sexualidade. Esta investigação aconteceu a partir da aplicação de uma sequência didática em um espaço não formal de educação. A aplicação teve esse contexto descrito e muitas vezes transcrito.
Conclusão	O autor afirma que o ensino de língua estrangeira é um grande aliado para a formação de uma nova compreensão a respeito dos gêneros e sexualidades, isto não sem haver choque com o discurso homofóbico fortemente consolidado entre os alunos.

Fonte: O autor, 2023.

Quadro 7 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2019a

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	Escola pública do agreste alagoano e a ideologia de gênero: o que o ensino de língua inglesa tem a ver com isso? Jonatha Rodrigues da Silva, 2019.
Objetivo	Analisar a compreensão dos professores a respeito dos temas transversais (PCN e antiga LDB) a fim de identificar suas visões sobre o trabalho com as questões em gênero e sexualidade no ensino de língua estrangeira.
Conclusão	O autor menciona a importância do debate desta temática, entre professores e gestores, para que o ensino seja também ferramenta de combate à desinformação e à violência contra as pessoas LGBTQs.

Fonte: O autor, 2023.

Como professores de linguagens, somos responsáveis por conduzir nossos estudantes para que visualizem sua complexidade. A estrutura da língua é elemento essencial, é evidente. Mas a língua não pode ser considerada em nossas propostas como um elemento imóvel e sem vida, como se estivesse desenraizada. Com certeza, o ensino da língua pode abraçar a linguagem para que seja possível dissecar seus mecanismos de opressão.

Nesses trabalhos, não houve exatamente uma categorização da identidade, mas ambos se preocupam com esse aspecto de, por meio da linguagem, explicitar a linguagem e suas

formas de violência para com a população LGBT, partindo de um contexto amplo dessa nossa identidade. O primeiro, ao propor uma sequência didática para aulas de língua inglesa, identifica o confronto entre as linguagens – a dos alunos e a da proposta – e também confirma o sucesso da atividade no ensino de língua estrangeira.

Pensando nesse confronto constatado pelo pesquisador, observo quantas vezes eu, professor, não consigo me libertar dos jogos performáticos. Quantas vezes trabalhei para evitar esses confrontos de linguagens, de ideologias e de concepções? Quantas vezes renunciei àquilo que compreendo, acredito e estudo porque tive receios de consequências ruins?

Não é um exagero quando falamos que a linguagem pode nos violentar e quando falamos, como anteriormente, em uma matriz de inteligibilidade do gênero, quando o autor escreve sobre um discurso homofóbico consolidado é exatamente isso que constata, e deveria partir dessa consciência o nosso trabalho como professores de linguagens.

Esses resultados estão vinculados a um espaço não formal de ensino, enquanto os do Quadro 7 estão vinculados a espaços formais de educação: a escola. Entender como pensa o professor é essencial, é por sua concepção que passa o ensino. É pelo seu entendimento de linguagem que a seleção de método é concretizada. E o resultado principal desta dissertação é o sucesso de trazer à superfície a compreensão do professor para que o mesmo visualize sua prática e, assim, atue para mudar as direções.

Ressaltei os espaços onde as atividades de pesquisa foram realizadas para registrarmos que na escola do estado do Paraná, por exemplo, em todos os seus âmbitos, vivemos este terrorismo (LEAL, 2019). As políticas educacionais contribuem para que nos distanciemos de nossas práticas reais e que tenhamos a tendência de evitar os confrontos das linguagens, homogeneizando nosso trabalho e nossa identidade e construindo recursos de controle e punição. Nossos espaços e possibilidades estão cerceados pelo que chamam de uma nova e tecnológica educação. Por ora, nossa busca por confrontos na linguagem fica em micro espaços de atuação, executada, muitas vezes, apenas por professores que são LGBT.

Quadro 8 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2019b (continua)

<b>Elementos de Pesquisa</b>	<b>Descrição</b>
Título/Autor/Ano	Discursos transfeministas e feministas radicais [recurso eletrônico]: disputas pela significação da mulher no feminismo. Beatriz Pagliarini Bagagli, 2019.

Fonte: O autor, 2023.

Quadro 8 – Busca por pesquisas com a temática de gênero, sexualidade e linguagem, 2019b  
(conclusão)

Objetivo	Compreender as relações entre as duas correntes teórico-feministas a partir na análise discursiva de uma gama de textos onde pessoas vinculadas às duas correntes se expressaram.
Conclusão	Após o mapeamento dos textos e análise fundamentada na linha francesa de análise do discurso, a autora comprova a ação transfóbica da corrente feminista radical, ao demonstrar que em seu processo de construção nunca houve mudanças epistemológicas em direção ao direito do corpo trans.

Fonte: O autor, 2023.

A última dissertação resultada por essa busca trata especificamente da compreensão da relação entre a linguagem-nome e o corpo. Quem tem o direito de ser nomeada mulher? Quem pode se aproximar do aspecto feminino? O resultado da análise discursiva dos textos afirma que as mulheres vinculadas a uma corrente radical da teoria feminista possuem discursos transfóbicos, porque atrelam o nome, o direito ao corpo, à anatomia do corpo. Fazer esses exercícios é essencial para a nossa pesquisa, pois nem sempre o embate é tão nítido como nesse caso das correntes feministas. Na maioria das vezes, ele é silencioso e performado. Por isso, escolhi escrever este trabalho que convida a pensar em nossa prática de escrita acadêmica e universitária sobre gênero e sexualidades, para que tenhamos compromisso com o real.

Mas, o que nos afasta do corpo quando escrevemos? Urge também compreender nossa relação com os conceitos que temos a respeito do conhecimento. Seja o conhecimento que polimos, afinal, nosso trabalho acadêmico constitui-se em polir diversos tipos de conhecimentos hegemônicos com demandas que, muitas vezes, não são nossas, mas que têm status e são tidas verdade. Observemos a constatação de Castro-Gómez (2007, p. 81):

La universidad funciona más o menos como el panóptico de Foucault, porque es concebida como una institución que establece las fronteras entre el conocimiento útil y el inútil, entre la doxa y la episteme, entre el conocimiento legítimo (es decir, el que goza de “validez científica”) y el conocimiento ilegítimo.

A leitura do excerto chega a ser agressiva, mas é também esclarecedora. O autor menciona o Panóptico de Foucault, o filósofo francês, entre tantas posturas, entende que somos produto da atuação histórica de agências como a igreja, a escola, o estado e a prisão. É interessante sua equivalência entre a arquitetura da escola e da prisão:

Basta colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível (FOUCAULT, 1975, p. 40).

O argumento é que o indivíduo precisa saber que está sendo vigiado e precisa saber que está sozinho nessa observação. Precisa pensar que tudo será anotado em sua ficha e cadastro, mesmo quando não esteja efetivamente sendo vigiado, criando uma consciência obediente, dócil e disciplinada, isso é possível por meio da vigilância panóptica, na qual as pessoas são moldadas, tornando-se menos perigosas para a sociedade ou moldadas para garantir o interesse de quem vigia. Castro-Gómez (2007) criticamente afirma a universidade como um espaço onde o conhecimento é produzido sobre a égide de vigilâncias e punições, porque está sustentada – falando de nosso contexto latino-americano e brasileiro – nesses mecanismos.

Quando vamos tocar nossa gente? Senti-las e cuidá-las? Não iremos, integralmente, enquanto nossos trabalhos e produções acadêmicas forem regidos por agências que já atuam em nosso inconsciente e nos distanciam da possibilidade de um conhecimento situado e praticado.

Enquanto professores-pesquisadores precisamos trazer à tona constantemente a relação entre o conhecimento e os processos de seleção acadêmica, por exemplo, que se configuram como um sistema muito explícito de higienização, afinal, o filtro está próximo de um modelo de produção de conhecimento europeu, branco e muito desconexo da realidade do Brasil.

A produção do conhecimento está fracionada em pequenas celas, em uma arquitetura panóptica, ou está fracionada para nosso melhor trabalho e desenvolvimento? Somos capazes de atuar sobre as realidades nas quais nos inserimos? Que pesquisadores escolhemos ser? O panóptico possui uma torre de vigilância ao centro, não iremos destruí-la.

Nem deveria ser nosso objetivo o de arrasar tudo, mas de luta em luta, precisamos ocupar a torre para se fazer permitida uma nova realidade para nossa universidade e a produção do conhecimento aproximar-se do real e do humano, compreendendo o impacto da academia em nossa prática educacional e de pesquisa.

Quantos sonhos este modelo já matou? Quantas pessoas os modelos de seleção impedem de chegar à universidade? Quantos objetivos foram riscados por não se adequarem a bibliografias consagradas? Quantos problemas psíquicos e físicos se tornam fato diariamente no exercício universitário de deixar de ser aquilo que é, buscar aquilo que acredita para buscar

aproximação ao que Castro-Gómez (2007) chama de dispositivo de poder para a manipulação?

Anteriormente, mencionei Derrida para falar do princípio da iterabilidade e, neste momento, menciono *A Universidade sem Condição* (DERRIDA, 2003). Dessa leitura, gostaria de apresentar minha compreensão sobre o olhar do filósofo para a universidade e a produção do conhecimento. Chama minha atenção, primeiramente, que ele menciona a universidade como uma cidadezinha exposta e, de fato, o tempo todo se tenta tomar para si a universidade e a produção do conhecimento e para isso não há condições. Sua autonomia e abertura devem ser de caráter inviolável.

Mas a que estaria vulnerável essa forte instituição? Dentre os diferentes aspetos, gostaria de me deter no que tange a chamada produção de conhecimento, a universidade se consolida hoje no Brasil com uma vida de mercado, a hipervalorização da produtividade determina o destino do que entendemos por conhecimento, distanciando-nos cada vez mais uns dos outros e, principalmente, distanciando a universidade e sua produção na área das linguagens dos seus entornos, anulando suas possibilidades reais de atuação e transformação.

Derrida (2003), em seu texto, almeja uma universidade onde nada esteja livre da crítica, da beleza da desconstrução das figuras do poder. Ser vulnerável não deveria ser um problema, ser vulnerável é bem diferente de mal feito, é diferente de falta de método. Precisamos de leveza e liberdade para deixarmos de viver uma universidade encerrada em si mesmo e desenvolver dia-a-dia uma universidade integrada à vida real. Caminhemos. Façamos deste um sonho possível.

n

### 3.1 NOSSAS POTÊNCIAS

Na sequência, consolido o título desta seção: nós falaremos juntos. Estar diante desses relatos me transformou e eu espero que este texto tenha a mesma função para você. O quadro abaixo representa o perfil das pessoas que se disponibilizaram a participar, comigo, desse trabalho:

Quadro 9 – Perfil Social com base nas respostas das pessoas participantes

<b>Narrativas</b>	<b>Perfil</b>	<b>Data da assinatura</b>
Narrativa 1	Mulher, cisgênero, lésbica, 32 anos, um filho, sem relação estável, ensino médio completo, faxineira.	22/09/22
Narrativa 2	Mulher, transgênero, heterossexual, 20 anos, estudante no ensino superior.	28/09/22
Narrativa 3	Homem, cisgênero, viado, 24 anos, estudante de ciências agrárias.	05/10/22
Narrativa 4	Homem, cisgênero, gay afeminado, 26 anos, estudante no ensino superior, profissional do sexo.	22/09/22
Narrativa 5	Travesti, bissexual, 54 anos, casada, superior completo.	28/09/22
Narrativa 6	Homem, cisgênero, viado, 34 anos, solteiro, comerciante.	05/10/22
Narrativa 7	Mulher, lésbica, cisgênero, 28 anos, professora.	22/09/22
Narrativa 8	Homem, cisgênero, homossexual, 26 anos, cursando o ensino superior.	28/09/22
Narrativa 9	Travesti, 36 anos, solteira, profissional do sexo.	10/10/22
Narrativa 10	Homem, trans, 28 anos, superior completo, trabalha no comércio.	13/10/22
Narrativa 11	Gay afeminado, cisgênero, 23 anos, cabeleireiro.	13/10/22
Narrativa 12	Mulher, transexual, 25 anos, promotora de marcas em supermercado.	25/09/22

Fonte: O autor, 2023.

### 3.1.1 Categoria 1 – Identidade em Performances

Quando convidei essas pessoas a estarem comigo neste texto pedi que, antes de expressarmos como entendemos o espaço acadêmico, expressássemos como é sermos nós nos espaços em que a vida nos faz nós. Assim, apresento a primeira categoria de análise que chamo de *identidade em performances*.

A maioria de nós afirma o ser e o existir, ambos, como uma luta constante. Os espaços que ocupamos e as relações que podemos construir, a partir do que somos, determinam o que somos por meio dos nomes que recebemos, dos nomes que assumimos, dos nomes que relutamos pra assumir, dos nomes que nunca assumimos ter. O nome categoria é violento e, desde a infância, somos obrigados a nos relacionar com ele, seja para negá-lo ou para conquistar um espaço para ele, onde vivemos.

Na seção do recorte teórico expliquei que aprendi a entender o conceito de identidade de gênero e sexual com o que Butler (2003) propõe, que é que podemos compreender gênero como uma sobreposição máscaras. Uma sobreposição contínua que toma forma da matéria. Que essas identidades vivemos em atos, e que esses atos nos constituem pessoa humana ou não. O ato mencionado por Butler pode referir-se ao contexto austiniano, mas também aos

atos cotidianos, afinal, somos capazes de aplaudir uma travesti num palco, ao passo que sentimos tensão quando estamos diante de uma na escola. O gênero é vivido e sentido em atos e espaços.

Quando reflito sobre nomear o gênero na escrita acadêmica e penso nas inconsciências que temos, é em função desse recorte anterior que constatam que o gênero ganha matéria nas atuações cotidianas e esses são atos com pouca dignidade e sem nenhuma beleza. Ficou muito marcado que os corpos que mais apresentam distâncias das matrizes de entendimento do gênero são marginalizados e violentados. Não estaríamos nós propondo beleza onde não há?

O corpo é selecionado e não consegue trabalhar com dignidade. O corpo sofre violência física por não se enquadrar ao gênero discursivo. O corpo não suporta ser visto durante do dia. Porque o olhar é sempre o de julgamento e repulsa, e é porque o gênero vivido em atos suporta esses corpos, somente e exclusivamente, em determinados espaços e funções. Não é coincidência que estejam trabalhando vendendo o sexo, e fazendo-o na rua e à noite.

Os atos de performances ficam evidentes ao sofrer violência física por não corresponder à norma, quando nós somos punidos pelo mercado de trabalho pelo mesmo motivo, quando perdemos o direito à casa, ao amor da nossa família, quando precisamos nos esconder para não sentir o peso de sermos corpos dissidentes. Ficam evidentes quando adoecemos para construir um outro de nós que é aceito e permitido.

A performatividade de gênero opera sobre o corpo e não deve ser visualizada sem considerar o afeto no corpo e a performance. Essas escritas deixam nítido que, para nós, há duas opções: o esforço para a performance de atos que nos aproximem do que a maioria compreende como um comportamento adequado para nosso gênero; ou sofrer as consequências de romper com esse entendimento. Resta sofrer por não ter o direito de existir sendo e atuando como é; e sofrer por não conseguir ser o que é, até que isto se consolide como o seu gênero.

Podemos perceber que as punições originadas na forma binária de compreensão do corpo e do gênero começam na infância, no ambiente familiar, como a tentativa de correção da postura, do gosto, da brincadeira, da maneira de se vestir, e que esse processo normatizador é carregado de violência física e psicológica. Ao passo que você constrói sua identidade como pessoa que não corresponde às normas sociais, você é despedido dos direitos humanos mais básicos e principalmente do direito ao trabalho. Observemos estas expressões:

[4.1] *Quando eu era criança já era afeminado e não me interessava pelas coisas de menino. Apanhei bastante por isso até do meu pai. Hoje eu não*

*tenho mais este problema na minha casa mas nunca consegui trabalhar e eu faço programas para ter dinheiro.*

[9.1] *Desde os 14 travesti, mandada embora de casa eu só saio de noite para trabalhar. Nem estudei. Quase ninguém me vê durante o dia, não me sinto bem com tantas pessoas me olhando, quero demais um trabalho bom e seguro de dia.*

[11.1] *Fui crescendo, me entendendo e me construindo enquanto homem mas a princípio com muitos comportamentos que não me representavam, queria e reproduzia ao máximo possível ao ponto de adoecer mentalmente e ter a ideia de que não, eu nunca iria ser visto e tratado como uma pessoa.*

[12.1] *Demorei tempo pra conseguir um trabalho registrado mesmo tendo os documentos com meu nome real as pessoas tem medo de empregar como se a gente fosse sujar a imagem do lugar.*

Ainda se tratando da categoria identidade como performatividade, expressamos também nossa sexualidade e nossas relações afetivas. Assim como a identidade de gênero, a maneira como construímos nossa sexualidade enquanto pessoas LGBT também é influenciada pela concepção normativa de que gênero e sexualidades precisam ser correspondentes e acordem com o preceito bíblico de que Deus criou o homem e a mulher, um para o outro. Também a sexualidade vivemos em atos e espaços.

Há quem, na infância, entenda-se atraído por alguém do mesmo gênero; há quem tenha se entendido na fase adulta. Indiferente ao tempo, quando nos percebemos atraídos ou apaixonados, sentimos automaticamente uma pressão para resolver isso. São felizes todos os que encontram na sua família o abraço, o acolhimento e o amor. Eu sempre digo que eu não tenho medo de levar um soco na rua, porque eu tenho um colo para me achegar e ser cuidado.

O que predominou sobre esse aspecto é justamente a renúncia de viver livremente a sexualidade para evitar o conflito em casa. É na casa que se manifesta a performatividade, como um maestro que rege uma orquestra de silêncios. A casa pode ser tanto acolhimento como a força onde nossos silêncios são produzidos. As sexualidades que não correspondem às normalidades são para serem vividas fora de casa, na sarjeta.

Muitos de nós, inclusive, não conseguem viver a sexualidade com afeto. Eu mesmo demorei muito tempo para compreender que o afeto e o bom sentimento também fazem parte da sexualidade. Não conseguimos porque crescemos sob este entendimento de ser um afronte à casa: “dentro da minha casa, jamais!”. Nos contatos que tive, isso se destaca bastante: o aspecto de ter uma sexualidade escondida.

[1.1] *Me casei para tentar deixar de ser lésbica, tive um filho nunca consegui ser feliz mas não entendia o que acontecia, não deu certo meu*

*casamento, agora aceito minha sexualidade mas nunca vivi um amor porque é muito difícil lidar com isso na minha família.*

[3.1] *Não tenho um mau relacionamento com minha família só que meu namorado é chamado de meu amigo por quase todos lá de casa, já eu sou chamado de namorado na família dele.*

[6.1] *Me identifico como um homem gay, mas ninguém sabe sobre mim. Minha família é bastante religiosa não quero dar a eles esta frustração, mas isto me torna muito infeliz, pois não posso gostar de ninguém apenas me relacionar escondido de maneira rápida às vezes em lugares ruins.*

[8.2] *Só se um dia eu puder mudar de cidade para ser feliz realmente.*

Reuni esses excertos para observarmos, dentre os aspectos anteriores, o fato de a felicidade ser um direito estável do corpo e sexualidades normativos. Não consegui ser feliz; sou infeliz e quero ser feliz realmente. A felicidade só é possível quando todos no espaço em que vivemos a permitem. Não é possível ser feliz, ao tempo que somos rejeitados por quem mais amamos. E nosso trabalho como professores da linguagem precisa agregar muito mais para a transformação desses cenários.

É inegável que o conceito de vida humana (BUTLER, 2003) toma formas muito concretas. Construimos nossa sexualidade de modo a habitar nos espaços humanos e a não entrar no espaço do não humano. Forçamos nossos corpos a caberem em espaços onde não conseguem ser, como, por exemplo, o casamento heterossexual, ao passo que buscamos viver nossa sexualidade de forma oculta e até em espaços insalubres.

Aos poucos, na grande maioria das vezes, nós vamos conquistando o direito de ser. E nossa casa consegue nos acolher. É doloroso, você aprende a transitar em meio aos espinhos e ganha resistência, até que se fortalece no exercício de convencer as pessoas com quem você vive de que o afeto familiar, de que a casa e o lar deveriam estar acima do confronto, e que estão atrelados ao direito de ser feliz.

Nesse processo, é muito comum que se utilizem nomeações que suavizam os confrontos na linguagem: o namorado vira amigo; a namorada, amiga; o marido vira parceiro; e assim sucessivamente. Até que nos acostumamos a não ter nome, e a nos contentar com o nome parcial. Acostumamos a ser só um pouquinho, e esse é o caminho da grande maioria de nós. Sozinho é muito difícil desconstruir, e migrar acaba sendo a única saída.

Mudamos de cidade para ser o que somos sem a vigilância e sem o receio de sermos causa da frustração das pessoas que são do nosso convívio. A distância nos afasta da performatividade a que estamos expostos e nossa sexualidade passa a ser vivida em atos dramáticos, influenciados pelo espaço. Não que em nossa casa não se saiba, mas fazemos um

comum acordo no âmbito das performances e passamos a ser mais nós nos centros maiores, onde não nos conhecem e não nos influenciam a ser, além do que esperam da gente quando estamos próximos. Assim, a casa vai se tornando apenas uma casa.

Ainda sobre a existência de uma força da linguagem que atua sobre o corpo, observemos como é sólida a rede que opera em favor de uma norma de sexualidade e gênero ao ponto de que precisamos nos esforçar quando encontramos pessoas com gêneros dissidentes e sexualidades dissidentes. Nada parece fazer sentido, porque o sentido é construído para nós a partir da concepção de que nosso corpo é o natural porque Deus fez o homem e a mulher a sua semelhança, para que se multipliquem.

[5.1] *Sempre ficam muito chocados quando entendem que sou travesti e casada com uma mulher há tanto tempo porque sou bi, ela eu sei lá como se chama isso de gostar de uma travesti, só sei que ela escolheu sofrer kk.*

Sempre ouço a conversa ansiosa sobre como determinadas pessoas vão se identificar e afirmar-se. O tempo todo queremos ser expectadores do anormal, buscamos entender como funcionam as coisas. “Será que é viado? Mas ele já ficou com uma menina...”. Por isso, a expressão “sei lá como se chama isso de gostar de uma travesti”, dita para referir-se à mulher com quem essa participante divide a vida há muitos anos, toca. É um espaço onde a categoria da sexualidade se desfaz, sinto aqui o quanto também ela é inútil.

Ao passo que ela nos dá um lugar no mundo, coloca-nos em luta e nos possibilita proteção, é indescritível a sensação de o mais importante ser a presença na vida, no sofrimento e no amor. Definir-se no mundo como você é não tem preço, mas também é maravilhoso ser esse “sei lá”. Eu senti, além da luta, a liberdade naquela escrita. A liberdade de quem todos os dias rompe a performatividade e assume a regência da sua orquestra. Nosso apego às generalizações, neste campo de pesquisa, impede-nos de compreender que a categoria é gente de múltiplas performances.

### 3.1.2 Categoria 2 – O corpo palco de performances

Tratando ainda de apresentar quem nós somos e de onde nós olhamos para a universidade que abriga a pesquisa sobre nós mesmos, apresento este recorte que evidencia e demonstra o processo pelo qual passam nossos corpos físicos diante das redes performativas. Por isso, pensar em cenários onde a estrutura da universidade e da educação sejam agentes ativos de transformação é urgente.

Ter contato com essas narrativas me fez pensar ainda mais nas representações de nossas identidades, no âmbito das pesquisas. Talvez eu tenha sido um pouco grosseiro anteriormente quando escrevi que há coisas muito importantes para que o nosso ápice de embate enquanto comunidade seja a bolha gays, divas pop e simpatizantes, mas o que nos antecede em relação a isso é justamente um problema de representação.

Afirmar sua categoria, afirmar seu nome, é libertador. É para isso que lutamos: para termos o direito de existir e ser. Entretanto, muitas vezes somos seduzidos pela necessidade de ser representado e de representar e, nesse processo, acabamos nos distanciando do princípio desses nossos exercícios. Qual é o tamanho da nossa disposição para romper com as normatizações que nos oprimem?

Existe um lugar perigoso para nós – pesquisadores e pesquisadores LGBT – que eu mesmo posso estar alocado, que é o de uma posição demasiadamente localizada na experiência individual do gênero e da sexualidade e, sobretudo, em grupos de significados prontos como o do respeito à diversidade e o do direito ao amor. Nesses casos, a gente literalmente finge que todos os corpos dissidentes podem ser contemplados com nossa produção e atuação e aceita ocupar um espaço cheio de limites, mas que é um espaço que nos foi dado e que nos faz sentir que somos aceitos, valorizados, e que nenhuma luta é mais necessária.

É perigoso porque somos interessantes para os cenários onde nos entregam gavetinhas para ficarmos. E é assim que as empresas, as grandes marcas e a pesquisa vendem nossa vivência como se fosse própria, ao passo que controlam e limitam a nossa voz. Esse é um espaço cômodo, somos protegidos e temos algum status, mas é um armário gourmet e nos rouba de nós mesmos. Nosso compromisso maior e princípio é com nossa coletividade, principalmente com os nossos que estão ainda mais à margem.

Isso é fácil de constatar porque a maioria de nós desconhece as lutas que pavimentaram a possibilidade de construção da nossa identidade. Somos relapsos à consciência dos nossos privilégios e relapsos à história que foi construída para que pudéssemos estar aqui, escrevendo juntos. Estamos próximos das que iniciaram o 28 de junho, em Nova York? Ou próximos dos que apagam Stonewall para a garantia um lugar de bem-estar? Nós, enquanto comunidade LGBT e pesquisadores dessa temática, renunciamos a esta cooptação a que permitimos que nos submetam, ou estamos agindo para a manutenção das desigualdades entre nossos corpos e nossas identidades.

Por isso escolhi trazer esta categoria, na qual as pessoas descreveram o impacto físico da força das normatizações de gênero. Junto com essas pessoas, eu reforço que precisamos

pautar com nossos trabalhos a necessidade de superação da desigualdade que é descrita na categoria anterior, ou seja, há um ciclo da construção da desigualdade, a medida que as identidades são construídas. Somos nós:

[2.2] *Quando eu era pequena usei maquiagens escondida e hoje uso hormônios para ter paz com meu corpo, quando eu puder vou modificar ainda mais.*

[4.2] *Já disse que sou bem afeminado e gosto de usar coisas que são de mulheres, me maquiar pra ir nas festas por exemplo. Sempre informo ser homem – ‘masculino’. Isso gera desconforto em mim. Não gosto de ser lido dessa maneira, mas também não me entendo enquanto mulher – ‘feminino’.*

[9.2] *Meu sonho é ter dinheiro pra fazer procedimentos queria me sentir mais bonita e não ser olhada como estranha.*

[10.2] *Quando eu era pequeno era sempre uma briga com as roupas que minha mãe comprava e quando pude escolher as roupas que eu consegui mostrar um pouco mais como eu sou usando roupas mais largas pra esconder meu seio até que pude usar binder e usar testosterona.*

O primeiro aspecto que considero importante para que nós (LGBT, professores e pesquisadores) possamos lutar contra a desigualdade social em função do gênero é compreender que o terrorismo de gênero (LEAL, 2019) não é sentido da mesma maneira por todos os corpos. Até porque a nomeação dos corpos TTs, por exemplo, não se dá por ação desses corpos:

Eis o ponto: existimos, pode-se dizê-lo sem dificuldade. Quando o não-nós se deu conta disso, pensou então uma metáfora para explicar nossa existência, nossa condição, metáfora que projetaria implicitamente uma imagem também daquilo que não somos, daquilo que deixamos de ser, daquilo que seria esse não-nós que nos nomeia ‘trans’ (RODOVALHO, 2017).

Amara Moira (RODOVALHO, 2017), em seu texto, entende que o nome trans é produzido em um contexto onde não é mais possível ignorar a existência dessas pessoas. E que esta nomeação é organizada por um “não-nós”. A nomeação trans é usada por esse não-nós que se considera dentro da margem, dentro na linha natural que separa os gêneros masculino e feminino. Para Amara Moira, quem nomeia se considera referência para o que a pessoa transgrediu.

Quando nomeamos em nossos trabalhos, temos essa capacidade crítica acerca de si? Em uma das narrativas, uma das participantes se refere a si mesma em dois gêneros, e acabo visualizando uma imensidão de significados nesse gesto. Porque há corpos que foram criados para serem homens – com um pênis – e criados para serem mulheres. E corpos que

transgrediram essa norma e com referências, identificando-se com algo, buscaram reorganizar seu gênero. Agora, para ser travesti ninguém é criada.

Por isso, são muito arriscados esses movimentos da nomeação generalizada. Não importa a definição. Nem importa tentar entender as diferenças entre os nomes; nem buscar entender se esse corpo – que se refere a si como travesti e utiliza marcações de dois gêneros – entende-se como homem ou como mulher. Importa a violência que esses corpos sofrem. Entender como se definem é o menos importante. Afinal, entender estas definições causará impacto na vida, que é comum a muitas, como em [9.1], tornada invisível, objetificada e precarizada?

Se tratando dos movimentos que o corpo faz para encontrar o gênero, deparamo-nos com elementos comuns que carregam o gênero consigo, como, por exemplo, a roupa e a maquiagem, “coisas de mulher” e “coisas de homens”. Essas afirmações demonstram o quanto somos dependentes da leitura do outro para que sejamos, e assim buscamos reunir elementos em nosso corpo que garantam o desvio do olhar do outro. Modifica-se o corpo para garantir a sensação de ser mais uma pessoa da multidão, que não transgride nada.

Essa é a felicidade para muitos, a de adequar seu corpo ao que a inteligibilidade de gênero permite. E muitos e muitas ressignificam também essa atividade de ser sem modificar o corpo. A declaração em [4.2] traz à tona algo que precisamos resolver: roupa não tem gênero; produtos como a maquiagem e esmaltes não têm gênero. O corpo, somente o corpo, possui o gênero.

Somos nós todos que estamos dentro dessa margem, nós, que não transformamos e nem transpassamos nenhuma linha e tratado, que alimentamos essa ideia de como se comportar para ser homem e como se comportar para ser mulher, ao ponto de impedir as pessoas de se nomearem e não conseguirem sentir-se localizadas na sociedade.

Diariamente, precisamos fazer exercícios de avaliação sobre as crenças que reproduzimos e sobre como nós afetamos o mundo, não temos o direito de atuar como quem classifica as identidades: “O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o outro diferente” (SILVA, 2010, p. 97).

### 3.1.3 Categoria 3 – A mesma universidade, diferentes espaços e posturas

Esta categoria demonstra que é urgente o reconhecimento da LGBTfobia como um grave problema, um problema que exige uma resposta rápida de toda sociedade. Precisamos

estabelecer coletivos para discutir caminhos possíveis para a erradicação desse mal que se desdobra em distintos modos de violência sobre os corpos e identidades.

Desde 2017, em meus trabalhos, defendi a partir da proposta de Santomé (2013) que a universidade é responsável pela formação humana e cultural do seu entorno. É nesse espaço que o conhecimento é direcionado e produzido. Essa construção do conhecimento que direciona o pensamento e as práticas do seu entorno passa pela formação ideológica de quem conduz. A universidade é constituída de pessoas e pessoas de espectros muito distintos a respeito do que é a vida humana e qual valor deve ser dado a ela.

Portanto, a LGBTfobia (e, evidente, toda maneira de exclusão) exige olhar atento, como a universidade enquanto espaço de organização do pensamento e conhecimento deve adotar novas práticas, não só por meio do pensamento e no marketing, mas práticas que organizem e possibilitem lugares onde as que estão à margem possam tomar frente no combate às violências que sofrem. Basta que o lugar seja o do objeto de estudo, precisamos ter real intenção de construir parcerias para buscar a superação das nossas limitações, do contrário, nós, como universidade, roubamos, literalmente, a linguagem dessas pessoas para parecermos redentores e nos configurarmos como um espaço de inclusão.

Uma ampla discussão democrática que atinja todos os cantos e gentes da universidade é urgente. Precisamos discutir minuciosamente cada aspecto de cada caso onde a LGBTfobia se constrói, é um mal silencioso. Nossa discussão precisa avançar a ideia da superação da diferença no espaço, e focar ainda mais na superação da universidade como um espaço de injustiça social. Justiça, democracia e inclusão são valores que devem orientar nossas práticas acadêmicas e eles não existem quando o acesso à universidade pública é privilégio majoritário de apenas um grupo social, e muito menos quando a luta contra a LGBTfobia se dá nos micro espaços da universidade.

Penso na necessidade de um amplo debate porque identificamos que não há uma unidade de ação, enquanto identidade de universidade, para a garantia de um espaço livre de exclusão e preconceitos. Até quando seremos essa coisa de duas caras? Até quando a guerra das nossas faculdades? Até quando nos pautaremos em “isso é coisa de macho e coisa de fêmea”?

A identificação da universidade como um espaço dúbio também me faz pensar em nossa ação como militantes e pesquisadores. A quem nós somos capazes de atingir? Mais uma vez me pergunto se nosso trabalho é importante para alguém, além de nós mesmos? Pergunto sobre o real espaço que temos para a prática daquilo que defendemos. É um problema nos contentarmos com pequenas misericórdias, e pelas ações que não têm força, para que se

institucionalizem. Precisamos fazer da universidade um espaço em que o compromisso pelo fim da LGBTfobia exista, de fato.

A consolidação da universidade como um espaço onde somos dignos apenas de e para alguns lugares, e rejeitados por outros, corrobora com a manutenção do discurso de que nosso corpo não serve para determinada função social. Por isso, é importante ir além dos processos punitivos para pessoas LGBTfóbicas, desejo que possamos organizar juntos – e aqui me refiro a todos nós e não só nós da universidade – políticas educacionais e de extensão capazes de articular e tocar toda gente da universidade.

[3.2] *As portas mais se fecham do que abrem. Ou seja, já é difícil conseguir oportunidades nesses espaços, o que piora quando você deseja desenvolver projetos, pesquisas a respeito das nossas vivências LGBTs.*

[4.3] *Sinto que a universidade é um espaço de acolhimento e a maioria das pessoas estão dispostas a abrir suas mentes. Eu particularmente nunca vivi nenhuma situação negativa pelo fato de ser o que sou, mesmo estudando no campus Uvaranas, local que concentra alguns cursos mais conservadores (mas isso é algo bem pessoal, sei que outras pessoas em diferentes formas de vivência passam por diversas situações).*

[8.2] *Dentro do meu curso, há o estereótipo de que os homens gays somente lidam com animais de pequeno porte; tanto que, quando eu fiz estágio na área de animais grandes, foi até motivo de deboche nas minhas costas.*

[10.3] *Sempre somos muito acolhidos na universidade mas sei que isso é quase exclusivo da área de humanas.*

Aqui, apresentamos a maneira como entendermos a universidade a partir de nossas vivências, é com esse contato que afirmo a urgência de começarmos de novo a construir uma ideia nova de universidade, na qual seja consenso o lugar que consegue atender a pessoa humana em todas as suas dimensões.

Eu sei que as portas se abrem. Eu sei que a universidade acolhe. Eu fui abraçado. Fui privilegiado de encontrar pessoas que acreditam na democracia, de fato. Onde todos têm direitos de estar. O espaço da universidade me fez ser o que sou como pessoa LGBT e como professor. A universidade, inclusive, me acolheu em 2017 e 2018, quando deixei meu trabalho em função de sofrer homofobia, tive trabalho remunerado e alimentação acessível. Mas isso não pode pautar meu entendimento de que a universidade também é um espaço que permite a violência, por isso aqui falamos nós.

### 3.1.4 Categoria 4 – Violências

Eu ainda não apresentei neste meu trabalho os dados de assassinatos de pessoas com dissidências de gênero e sexualidades. Talvez eu apresente. A Associação Nacional de Travestis – ANTRA já divulgou em dossiês, desde 2017, quase mil mortos<sup>14</sup>. O Transgender Europe - TGEU<sup>15</sup>, ano após ano, afirma o Brasil como o país mais violento para pessoas com diversidade de gênero e sexualidades. Também, há três anos atrás, despontamos como líderes mundiais de consumo de pornografia trans e travesti<sup>16</sup>.

Coloco essas constatações para refletirmos se nós não estamos inconscientemente acostumados com os números? Se não naturalizamos? Parece-me que sim, porque não há nenhum registro de políticas públicas que busquem frear essa epidemia. Será que não naturalizamos? Penso na estatística local da cidade de Ponta Grossa, onde moro. Você sabe quem foi Karla Raphaela Pereira dos Santos? Você lembra da Fernanda? Pensando nas repercussões nacionais, você lembra da Dandhara? Não tiveram direito de ser no corpo, foram assassinadas e agora são números.

Essas subalternidades a que imputamos, em nosso inconsciente, um estereótipo de morte, como se fossem nomes equivalentes, precisam ser colocadas em posições de atuação e protagonismo para a garantia de direitos humanos básicos. E a nós, universidade, cabe pensar como nossa atuação e construção de práticas educacionais capazes de universalizar o conhecimento num sentido de considerar integralmente o ser humano.

Quando coloco que estamos acostumados com os números, também entendo que estamos acostumados a associar a violência com o tiro, com o espancamento, com o estupro, com a prostituição, e assim passamos considerar que a universidade não é violenta e que essas coisas acontecem lá no bairro distante, na linha do trem ou no lugar insalubre. Isso tudo associado à ideia de que não fazemos parte do mundo. Somos a universidade.

Continuo nessa categoria a apresentação de nosso olhar em direção à universidade, sob o nome de violência. A violência que antecede o tiro, o soco, o estupro, o tapa e a fome, ou seja, a violência nos ritos, nos símbolos e nas relações cotidianas da universidade: “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconsciente de a exercer ou a sofrer” (BOURDIEU, 1996, p.16).

---

<sup>14</sup> Leia: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>

<sup>15</sup> Leia: <https://tgeu.org/>

<sup>16</sup> Leia: <https://revistahibrida.com.br/>

Nossos nomes e identidades precisam ser dissociados dessa ideia de sermos prediletos da violência, esse inconsciente precisa ser desarticulado no estudo da linguagem. Vamos expressar aqui a existência de uma violência de possibilidades, nomeio assim, lembrando da expressão de bell hooks (2015), que diz que ser oprimido é ter falta de opções, falta de possibilidades.

[4.3] *É muito comum, para dar um breve exemplo, que professores rejeitem nossas propostas de pesquisa na iniciação científica pelo fato de ‘não conhecerem o tema’.*

De modo geral, quando ocupamos o espaço da universidade e da pesquisa, tendemos a concentrar nossas produções nesse espaço – como estou fazendo agora – e isso é muito importante, ao tempo em que nos enclausura. Esse será sempre o papel de nosso corpo da universidade? Ficar o tempo todo fazendo reparos e sendo vigilantes?

Contudo, esse espaço de atuação precisa ser argumentado e conquistado. O filtro da interdição é muito ágil como aponta o participante: “não conheço o tema”. Ora, morremos aos montes, passamos fome, vivemos escondidos para a organização hierárquica da produção acadêmica ficar acima de nós? O processo de orientação não deveria também abrigar um processo de aprendizagem para quem orienta? Não pode configurar-se assim? Não deveria configurar-se assim?

Ainda pensando nas possibilidades, basta que observemos quantas pessoas trans e travestis, quantas bichas, quantas lésbicas, quantas pessoas não cisgênero ocupam as salas de aula enquanto discentes e docentes. Ou, para quantos de nós são oferecidas possibilidades reais de acesso, ingresso e permanência institucionalmente, sem que isso recaia sobre o trabalho de um ou outro docente? Esse compromisso deve ser coletivo e, sobretudo, da universidade. E é exatamente sobre isso, corpos oprimidos não encontrarem muitas oportunidades, que tratam as seguintes narrativas:

[2.3] *Sempre que preciso ir para blocos que não são o meu eu sinto muito constrangimento porque todos olham torto, no RU também.*

[5.3] *Tudo isso é muito covarde acho que o nome é abuso moral você sabe que estão sendo ofensivos com você, só que eles não falam seu nome então não tem nem como você pedir respeito e nem denunciar.*

[8.3] *No trote já percebi que seria tratado diferente porque foram muito mais violentos comigo. Já senti discriminação dentro da sala de aula por outros alunos, e principalmente nas práticas quando escuto piadas o tempo todo geralmente levo na esportiva, mas é um incômodo nenhum professor nunca me ofendeu mas também nunca entreviu.*

[8.4] *Já ouvi de professor que no campo o gado só respeita macho e não teve coragem de responder.*

“Acho que o nome é abuso moral”, o nome é transfobia, o nome é crime. Nós podemos observar a face silenciosa e silenciadora da LGBTfobia na universidade. A linguagem é sempre a arma, antecedendo o tiro, o soco, a fome. Sobressai em nossas narrativas de pessoas LGBT na universidade, que a violência é sempre acompanhada de um silêncio.

Que esta é uma realidade no ambiente universitário não há dúvidas. E, para mim, não interessa o quantitativo de tal dado, afinal, vivenciamos e sentimos isso. Fato é que a violência acontece e, pior, sente-se segura para acontecer. É difícil o entendimento de que intervir nas situações de violência é uma responsabilidade de todos nós; e não uma responsabilidade da vítima. Entender a posição de privilégio que se ocupa é essencial para que a linguagem seja também a arma de combate.

O princípio de entender essa posição privilegiada vale para quem está dentro dos círculos hetero-cis, pois quando se trata de professores de uma IES, eu fico é assustado. Presumir que o gado reage à sexualidade de um estudante de ciências agrárias é vergonhoso, mas observemos que o participante não tem coragem de reagir e também não relata intervenções.

Primeiro, porque não foi dirigido a ele; segundo, porque partiu do professor. A hierarquia da sala de aula muitas vezes é a mãe dos silenciamentos, repletos de concepções de superioridades e, quando isso se atrela à escolha de ser LGBTfóbico (ou conivente com a LGBTfobia), potencializa-se a universidade como um espaço violento. É esse nosso ideal de universidade que abriga a pesquisa em gênero e sexualidade? A partir disso, fico pensando, também, nas dimensões das ausências de notificações destes casos.

Não tenho dúvidas que a amostra representa o cenário do ensino superior brasileiro, e também da escola de nível base. Temos medo de enfrentar, já escrevi antes. Eu também tenho. Mas enfrento. Como professores, precisamos entender o que é que nos falta, entender que não estamos prontos e que isso não pode ser justificativa para a reprodução e perpetuação da LGBTfobia.

A Constituição Brasileira de 1988, no artigo 207, garante a autonomia da universidade. Esse princípio organizador do ensino, pesquisa e extensão deveria ser o que sustenta a escolha de possibilitar a universidade brasileira como espaço de combate à fobia de gênero e sexualidade. Escrevo pensando nas nossas organizações curriculares, sim, eu entendo que o currículo educacional é como o corpo, em um grande palco das lutas de poder.

Mas, sobretudo pensando em como é necessário ampliar nossa visão de mundo, carecemos de formações sensíveis que nos permitam visualizar nossa prática humana e docente, é assim que entenderemos se somos coniventes com a depressão, a tristeza, a falta de confiança e autoestima e a evasão das pessoas LGBT de nossas áreas.

### 3.1.5 Categoria 5 – Acolhimentos

[10.4] *O espaço universitário pode ser violento nós, a intensidade depende muito da área do curso, de ter grupos de apoio, seja de amigos ou familiares já que institucionalmente acho difícil existir na universidade grupos de acolhimento pensados para deixar aquele espaço mais acolhedor para pessoas lgbt+.*

Atualmente, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, de onde escrevo este trabalho, contamos com ações afirmativas que atingem com sucesso as demandas de suas propostas<sup>17</sup>. A política de cotas é ação consolidada e permite o acesso e permanência de diversas pessoas que estão subalternizadas em função de suas raças, etnias e deficiências, esse último aspecto incluso na revisão mais recente da política de cotas da universidade.

Além disso, quatro programas de pós-graduação na universidade adotam em suas estruturas de seleção as chamadas políticas de ações afirmativas que visam reparar os processos de exclusão e desigualdade social. O primeiro deles foi o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, em 2011; depois, o PPG em Jornalismo, em 2017; o PPG em Ensino de Física, em 2019; e o PPG em Educação, no ano de 2022.

Os programas de pós-graduação consideram a reserva de até 5% das vagas para pessoas trans e pessoas travestis. Essa organização é possível graças a autonomia dos colegiados que se propõem a trabalhar com a democratização do espaço universitário e a superação da desigualdade por meio da educação. Essas ações variam em cada um dos programas, justamente pela autonomia atribuída a respeito do tema.

Registro para demonstrar que existem caminhos trilhados. Existem sonhos possíveis. Quando falamos que não achamos possível grupos institucionais que favoreçam a construção de um espaço de bem estar e de acolhimento, pautamo-nos em nossa experiência a partir da vivência na graduação, na qual ainda não contamos nenhuma política de ação afirmativa no processo de seleção. Precisamos ampliar, de fato, este debate. Entendo que essa é também

---

<sup>17</sup> Relatório da Comissão Permanente de Avaliação da Política de Cotas da UEPG. Disponível em: [https://www2.uepg.br/prae/wp-content/uploads/sites/18/2022/05/SEI\\_22.000017368\\_9-compactado.pdf](https://www2.uepg.br/prae/wp-content/uploads/sites/18/2022/05/SEI_22.000017368_9-compactado.pdf)

uma demanda legislativa para uma das casas mais conservadoras e boçais que já tivemos no Brasil.

Também considero importante avaliarmos em conjunto se nossas proposições afirmativas na pós-graduação estão se concretizando. Esses dados precisam ser aprofundados e evidenciados. Quantas pessoas trans ou travestis defenderam dissertações a partir da implantação desta política. Implantar é suficiente? Precisamos garantir que essas possibilidades sejam possíveis, e um excelente caminho é normatizar este acesso na graduação.

[5.4] *Desde muito antes de entrar na universidade eu já tinha contato sempre disse que eu tenho madrinhas e padrinhos lá com a ajuda deles pude ajudar muitas irmãs travesti.*

[9.3] *O pessoal sempre está no grupo que participo nos ajudam com muitas coisas aulas e até alimentos.*

Esses dois relatos referem-se à extensão universitária. Demonstram o reconhecimento pelas oportunidades viabilizadas pela presença da universidade em seus espaços e em suas vidas. Estender a universidade para além de si mesma significou, nesses casos, acolhimento e afeto. Esses movimentos da universidade partem sempre de decisões bastante solitárias, que buscam desenvolver essas práticas, consolidando-se como um micro espaço de ação. São espaços essenciais que contribuem com a formação de profissionais capazes agenciar a construção de possibilidades reais.

Concentrar na extensão o olhar da universidade para as pessoas com dissidência de gênero pode adquirir certa complexidade quando adotamos este viés de que estamos resgatando alguém de sua realidade, enquanto não somos politicamente suficientes para garantir transformações que são necessárias e urgentes, o que pode gerar frustração e apresentar a sensação de que fazemos laboratório na vivência destas pessoas. De uma mesma participante que reconhece o trabalho da universidade:

[9.4] *Universidade não é lugar pra gente, nunca fui lá não acho que a gente tenha que ser pesquisada tinha que ser ajudada, a gente não tem condições de ir pra lá de fazer as coisas e tem muitas amigas que não sabem nem do que se trata.*

Quando pensarmos em discorrer sobre as identidades de gênero e sexualidade no discurso e nos inúmeros espaços em que ele se manifesta, não podemos esquecer desse sentimento que ela apresenta e que ecoo, aqui. Tratamos de pessoas que entendem que não

são merecedoras de ocupar a universidade. E de nada tem valido escrever e publicar, e publicar e escrever, se não construímos movimentos que sejam um marco de ocupação do espaço universitário, até que o entendimento seja o de que a universidade é sim lugar pra gente.

### 3.1.6 Não somos sujeitos de pesquisa

[5.5] *Quando as atividades acabam somos sozinhas na nossa realidade só a gente sabe o que é.*

[10.5] *É muito comum relatos de pessoas trans receberem pedidos para pesquisas a respeito de nossas vivências, curiosamente praticamente sempre é vinda de pessoas que não são trans.*

[12.2] *Normalmente essas pesquisas são invasivas e superficiais, tendenciosas querendo já defender um ponto de vista do pesquisador e a sensação passada é de parecer um ratinho de laboratório, um ser extraterrestre.*

[12.3] *Na época do começo da minha transição eu precisei postar no facebook que não daria mais entrevistas pra ninguém todo mundo queria saber o que é ser trans.*

A extensão sempre foi um espaço de atuação do grupo em que me insiro na universidade. É uma prática cotidiana a ideia de nunca dissociar o ensino, a pesquisa e a extensão. Uma das características desse grupo, o GECED, é o de nunca propor verticalmente atividades nos espaços de acolhida para pessoas marginalizadas em função da homotransfobia. Sempre buscamos entender qual é a nossa função nos lugares.

Quando entramos nesses espaços, inevitavelmente, carregamos conosco a ânsia pela produtividade. É parte da nossa culturalidade acadêmica entender a situação como uma via de mão dupla: auxiliamos o grupo, ao passo que reunimos materiais para estruturar nossas produções. Mas repito: para quê produzimos? Por quem produzimos? Quando passamos pela vida das pessoas por meio de nossos trabalhos e ações, com certeza saímos maiores. Formamos profissionais conscientes, sensíveis e habilitados, e quanto à vida de quem tocamos?

A universidade nos dá proteção. A pós-graduação nos dá proteção. Quando consegue acolher e permitir o trabalho, a universidade é proteção. Mas quando a máscara da universidade não está no espaço, outras ocupam; e aí aparece a realidade feia e cruel, uma realidade que nós não fazemos ideia qual é. Nunca vamos apreender, por meio do exame da

linguagem, o que vive a pessoa a quem isolamos como sujeito de pesquisa. Por isso, urge que nosso foco seja diretamente a ação de desestabilização da desigualdade de gênero.

Portanto, é preciso ter bom entendimento sobre nossos trabalhos na universidade com pessoas LGBT. A extensão não pode acontecer como um espaço controlado de pesquisa e nossas pesquisas precisam configurar-se como propositivas, assumindo posições eficazes na luta contra a violência.

Em 10.5, temos a constatação de que a maioria dos convites, direcionados às pessoas trans e travestis, para participar como sujeito de pesquisa parte de pessoas que não são dissidentes de gênero e sexualidades. É a mesma relação que se materializa em meu trabalho. Por meio da rede social, eu convidei e pessoas se disponibilizaram a falar comigo, falamos nós aqui. Mas entendo que ocupamos lugares que não são equitativos. Depois, a participante menciona que respondeu a entrevistas até ficar exausta e anunciar que não faria mais isso. Conseguimos entender que trabalhamos com pessoas?

Ainda sobre 10.5, é bastante sintomática a afirmação, pois se pode supor duas coisas: que é rara a presença de pessoas trans e travestis no espaço acadêmico e que é mais raro ainda que pessoas trans pesquisem a respeito de nossas vivências. Nesse caso, precisamos ampliar o espaço de regulamentação da seleção permanente na universidade, para pavimentar o acesso de pessoas marginalizadas em função de seus gêneros e sexualidades e também submeter os programas que propõem essa ação afirmativa à avaliação periódica para demonstrar sua eficácia ou ineficácia.

Quanto aos elementos que se referem à pesquisa, acredito que seu processo de construção deveria ser auxiliado por alguém do grupo social que virá a ser pesquisado. Não há mais espaço para deixarmos nu um corpo a fim de examiná-lo e depois descartarmos como se fossemos pesquisadores extrativistas da linguagem, subtraímos a linguagem do corpo e do espaço, destrinchando-os, polimos nossas densas teorias enquanto o corpo permanece ali, à margem.

## ME DESPEDINDO

A partir desse momento, preciso encerrar este texto. Gostaria muito que ele fosse semente. Que as reflexões enquanto pessoa LGBT, professor e pesquisador possam crescer como árvores fortes que resistam aos inúmeros ventos contrários. Que os momentos em que falei junto com minha comunidade possam tornar todos nós encorajados para ocuparmos a torre do panóptico.

Quando inicio a expressão da minha metodologia, menciono meu projeto de ingresso no mestrado; estou em um lugar bastante diferente do que me propus. Em um lugar diferente porque ao final desse processo me sinto transformado, sinto-me outro. O contato que tive com as pessoas que estiveram comigo ao longo da experiência com a dissertação me fez ocupar um lugar que é meu. Fez perceber e criticar minhas ações na universidade, na sala de aula e na vida. Esse trabalho é também sobre minha vivência e prática.

Compreender a pesquisa em gênero e sexualidades no sentido de entender se, de fato, há eficácia em nosso trabalho enquanto universidade pública implica se esforçar para partir da compreensão que o gênero não é uma massa homogênea a que podemos nos referir e discorrer ao longo das páginas. O gênero abriga uma infinidade de operações e códigos que constituem as relações de poder. A reação ao gênero nos afeta de maneira desigual quando pensamos na associação entre o gênero e a sexualidade.

A manutenção de uma matriz de gênero (BUTLER, 2003) para a estabilidade da subalternização de pessoas que não correspondem a identidades estáveis é um obstáculo na construção de uma sociedade equitativa. E o uso sem cuidado das identidades como categorias “gay”, “trans”, “LGBT”, por exemplo, também contribui para nosso distanciamento com as pessoas que tentamos acessar para atuar sobre a realidade.

Nesse texto, tive o objetivo de pensar na pesquisa em gênero e sexualidades no campo dos estudos da linguagem, trazendo para esse espaço o nosso olhar enquanto comunidade LGBT. Sobretudo para recordar que estamos mergulhados na linguagem, e que é em nosso corpo que ela se materializa, e é nosso corpo que é violentado por ela. Foi também observando minha própria vivência que formulei a hipótese de que não conseguimos tocar as pessoas com as quais nos sensibilizamos em nossas escritas.

Quando fiz as buscas pelas dissertações que se aproximassem do âmbito do meu trabalho, esperava encontrar um volume muito maior de dissertações com a temática, no período preestabelecido. O que torna nítido que somos nós por nós, e que nós estamos muito mais no papel de coadjuvantes do que no protagonismo da discussão em gênero e

sexualidades na universidade. A pesquisa em gênero e sexualidades nos estudos da linguagem está pautada pela experiência individual do seu sujeito, geralmente LGBT, não conseguindo transpor as barreiras físicas entre a universidade e a comunidade. Também não logra transpor as barreiras na própria universidade.

Outro ponto a respeito do cenário da pesquisa em gênero e sexualidades, com base no recorte que apresentei aqui, é o de apego à ideia de uma inteligibilidade de gênero binária, que não consegue abranger a identidade como vida humana. Reforço que não podemos confundir a ideia de recorte de pesquisa com a escolha, consciente ou não, de corroborar com a LGBTfobia. Não é admissível que o recorte de pesquisa atue para recortar as pessoas que mais estão em situação de vulnerabilidade.

Pautar o mundo – na escrita – somente a partir da própria experiência na dissidência, sem levar em consideração nosso coletivo, assume aspectos complexos, porque você ocupa um espaço de privilégio que é o de estar na universidade, de maneira egoísta, e consegue, muitas vezes, superar as posições sociais que ocupa descartando todas as pessoas. Reforço: pessoas estas que são irmãs daquelas que estavam em Stonewall. Ocupamos esses lugares como LGBT cis e nos distanciamos do real, contribuindo para que determinados corpos sejam invisibilizados.

Pensar a pesquisa nesse campo em ambientes controlados, como a observação da prática em sala de aula, pode trazer resultados interessantes para serem discutidos nos espaços de formação de professores. Mas deve ser cuidadosa quando objetifica e massifica o corpo LGBT. No entanto, é urgente que nós, professores, sejamos cada vez mais sensíveis à vida das pessoas e que busquemos construir políticas de superação da desigualdade. É, sobretudo, urgente que nós sejamos capazes de rever aquilo que falamos, acreditamos, curtimos e pensamos. Somos responsáveis diretos pela a manutenção ou desestabilização das redes da linguagem que sustentam a opressão e a morte.

Nesse processo de encerramento, também gostaria de retomar um questionamento: O que nos afasta do corpo quando escrevemos? Nossas ações de escrita, como sustenta a Joana (PINTO, 2015), são atos em que estamos sujeitos à performar o que não somos de fato. Não vamos nos esquecer de perguntar sempre se aquilo que fazemos é real, ou se buscamos apenas nos encontrar com o que tem mais status. Sobretudo, porque quando atuamos nesses atos não conseguimos pensar em novos caminhos para a pesquisa em gênero e sexualidades e linguagem. Quando deixamos de reproduzir, passamos a ser diretores da reprodução.

Propus que falássemos enquanto comunidade que se insere na universidade e na pesquisa. Demonstramos, primeiro, que a identidade de gênero e de sexualidade se dá numa

relação entre performatividade e performances, de acordo com o que discute Butler, a partir de Austin e Derrida.

Somos seres linguísticos, em tudo está a linguagem: nos fazendo e moldando. Como falamos enquanto comunidade LGBT, eu me preocupo que você entenda que somente nós somos vítimas da linguagem como artefato de violência ou que isso reforce que a cisgeneridade é isenta de formações por meio da linguagem. A cisgeneridade não precisa se esforçar para ser e existir, mas se impõe muitos sofrimentos ao servir à ideia de coisas do homem e coisas da mulher.

Demonstramos entender a universidade – casa da pesquisa – como um lugar multifacetado. Nela e por ela fomos acolhidos, mesmo que em movimentos individuais de cada um dos docentes que se dispõem a favorecer a universidade como um espaço de inclusão. Mas nela também sofremos violências silenciosas, que muitas vezes nos sufocam tanto, a ponto de não conseguirmos enquadrar nossas denúncias em protocolos como o Canal Escuta, Gênero e Diversidades da UEPG<sup>18</sup>.

No mesmo espaço, encontramos voz e força para a nossa vida, luta constante; encontramos opressões e silenciamentos, constrangimentos, olhares jocosos, comentários LGBTfóbicos que vão nos desestruturando enquanto pessoa, até que buscamos viver como se não fossemos nós para que seja possível suportar durante o tempo decorrido ali. Esse não é um cenário natural, vamos deixar pra trás essa ideia de que isso é natural. Ninguém vai à universidade para sofrer qualquer tipo de violência. O único cenário possível é o de uma universidade que se esforça concretamente para superar esta face dupla.

Entendemos que a extensão universitária possibilita diversos caminhos para a superação da desigualdade, contribuindo com a formação de profissionais capacitados e sanando diversos limites sociais impostos pelo preconceito e a violência. Entretanto, o sentimento é ruim quando percebemos que ocupamos demasiadamente espaços de sujeitos de pesquisa, sujeitos passivos que têm sua identidade condensada e sua linguagem absorvida, em nome da produção acadêmica. Precisamos atuar e garantir pactos entre a pesquisa e a pessoa humana. É para ela que a pesquisa deve existir.

Não podemos também naturalizar como suficiente a ideia de uma representação na universidade e na pesquisa. A representação é um terreno repleto de armadilhas como escreve abigail Campos Leal (2021, p. 70):

---

<sup>18</sup> Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1odJ71560Ktn5HQXAVJpfWqGnjVr\\_q\\_Tp/view](https://drive.google.com/file/d/1odJ71560Ktn5HQXAVJpfWqGnjVr_q_Tp/view)

Existe uma narrativa implícita nos discursos sobre representatividade, que consiste na crença de que a ocupação de posições estratégicas por parte dos grupos historicamente excluídos y marginalizados pela organização colonial do mundo, levará necessariamente, à uma mudança progressiva e estrutural desse quadro.

abigail propõe que a representatividade pode mascarar o processo de enfrentamento a LGBTfobia. Sobre estas estruturas, abigail assevera que precisamos aboli-las em definitivo (LEAL, 2021). Nisso deve concentrar-se nossa ação. Por isso encerrando estes movimentos de escrita e a partir dele, eu proponho alguns gestos e atividades para que nós, universidade, professores e LGBT sejamos condutores em direção a um espaço renovado que consegue enfrentar a LGBTfobia e as suas violências:

I – Organizar cursos de sensibilização para toda estrutura universitária. Pensar no combate a LGBTfobia como um problema coletivo, e compromisso ético da universidade;

II – Compor, na Comissão Permanente de Avaliação do Sistema de Cotas, grupos de discussão e trabalho para a implantação de cota para pessoas trans e travestis na graduação;

III – Organizar comissões de avaliação dentro dos programas de pós-graduação – que consideram políticas afirmativas para pessoas trans ou travestis – para verificar periodicamente a efetividade da proposta do colegiado do programa;

IV – Possibilitar debates abrangentes entre a estrutura universitária e pessoas com gêneros e sexualidades dissidentes. O contato humano é sempre a melhor alternativa para que todos possamos visualizar o efeito da linguagem em nosso cotidiano;

V – Planejar cursos de capacitação para todo corpo docente, com o objetivo de compreender a importância da intervenção nos casos da LGBTfobia, e capacitar para planejar ações de combate em todas as áreas de conhecimento da universidade e, principalmente, para nos afastarmos da ideia de atuarmos como extrativistas na/da comunidade LGBT.

VI – Propor junto aos departamentos, editora e imprensa universitária a produção de mídias impressas, digitais e virtuais que discutam gênero e sexualidade, sobretudo a valorização das pessoas trans e travestis.

VII – Considerar todas as pessoas para construirmos coletivos de resistência organizada, e não pautar esta causa por meio das normatividades e performatividades.

VII – Fomentar, por meio da extensão universitária, atuações que desestabilizem o movimento LGBTfóbico que nos afeta diariamente.

Despeço-me da escrita do meu texto, desejando que ele seja semente. Que todos nos alimentemos dos frutos, que haja frutos. Que haja sombra. Vamos regar juntos a semente, com todas os cuidados necessários para que cresça forte e frondosa árvore. Que ele seja

transformação, a transformação pela qual passei nesse meu processo de escrita. Sei bem por onde estive e para onde quero conduzir minha ação de ser professor LGBT e pesquisador LGBT e extensionista LGBT. A universidade me formou e me permitiu ser, em meio a todos os meus privilégios, quero que todos nós sejamos para ela e ela para nós.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Claudia N. **Nova Pragmática: Modos de Fazer**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer** - palavras e ação. Trad.: Danilo Marcondes. Porto Alegre: Conferência 2, 1990.
- BARRETO, Igor Antonio. A docilidade como ideologia no currículo do novo ensino médio. *In: IX Ciclo e II Congresso Internacional de Estudos em Linguagem, Anais...*, 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/ciel-2017/trabalhos/a-docilidade-como-ideologia-no-curriculo-do-novo-ensino-medio?lang=pt-br>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- BARRETO, Igor Antonio. Quem tem medo da diversidade? *In: X Ciclo e III Congresso Internacional de Estudos em Linguagem, Anais...*, 2019a. Disponível em: [https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019/110\\_IGOR\\_ANTONIO\\_BARRETO-155658480548395.pdf](https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019/110_IGOR_ANTONIO_BARRETO-155658480548395.pdf). Acesso em: 1 mar. 2023.
- BARRETO, Igor Antonio. **O currículo e as possibilidades de estudos com gênero**. Rio de Janeiro: Ágora, Fundamentos Metodológicos, Grupo Multifoco, 2019b.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Trad.: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- BUTLER, Judith. **Deshaciendo Géneros**. Barcelona: Paidós 2004.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Discurso de Ódio: Uma Política do Performativo**. Trad.: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Unesp, 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Descolonizar la universidad**. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes, 2007. Disponível em: <https://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/14-castro-descolonizar%20la%20universidad.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.
- DERRIDA, Jacques. **A Universidade sem condição**. Trad.: Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: A vontade de saber**. 12 ed. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Rev. Bras. Ciênc. Pol.*, v. 16, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/mrjHhJLHZtfyHn7Wx4HKm3k/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 mar. 2023.

LEAL, abigail. **Ex/orbitâncias**. Os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: Glac Edições, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Um debate contemporâneo da Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse Pura**. São Paulo: Editora Hoo, 2018.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

OLIVEIRA, Ronna Freitas. **Delírios conservadores+fundamentalistas**: cisnormatividade, linguagem e educação. Dissertação (Mestrado em Linguagem), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88/53>. Acesso em: 1 mar. 2023.

PINTO, Joana Plaza. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu**, v. 33, p.117-138, 2015.

PINTO, Joana Plaza. **Imagens que falam, silêncios que organizam**: sexualidade e marcas de homofobia em livros didáticos brasileiros. Currículo sem Fronteiras, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão da ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica** – linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática**: fases e feições de um fazer. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, 2017.

SANTOMÉ, T. Jurjo. Currículo, justiça e inclusão. *In*: SACRISTÁN, José Gimeno (Org). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Trad.: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**, uma introdução à teoria dos currículos. 3.ed. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, J. T. “É Pesquisa, é? Ah, não quero não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem e Ensino**, v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.

**APÊNDICE A – HIPERLINKS DAS DISSERTAÇÕES ACESSADAS NA PESQUISA**

<b>Hiperlinks das dissertações acessadas na pesquisa</b>	
VENSON, Ana Paula Reckziegel. <b>O crime de estupro no brasil: uma análise discursiva do processo de silenciamento da mulher</b> . 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2022.	
Quadro 1 –	<a href="https://tede.unioeste.br/handle/tede/6311">https://tede.unioeste.br/handle/tede/6311</a>
SOUZA JÚNIOR, João Carvalho de. <b>Entre ecos e reflexos: uma autoetnografia das performances de masculinidades online no Grindr</b> . 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.	
Quadro 2 –	<a href="https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15167">https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15167</a>
BARBOZA, Ana Paula Vilardo. <b>“Desce do salto e vai viver”</b> : uma análise interdiscursiva do movimento #KuToo. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.	
Quadro 3 –	<a href="https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24409">https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24409</a>
MATOS, Samuel de Souza. <b>Processos referenciais e estratégias argumentativo-retóricas como indícios do ethos discursivo do ativista LGBT</b> . 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.	
Quadro 4 –	<a href="https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14572">https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14572</a>
CAMARANO, Pedro A. <b>Arqueogenealogia bajubeira: uma análise de práticas de poder e resistência</b> . 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.	
Quadro 5 –	<a href="https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10677">https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10677</a>
FERREIRA, Felipe Trevisan. <b>Diversidade sexual e de gênero nas aulas de inglês: a formação de cidadãos críticos em contexto de vulnerabilidade social</b> . Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.	
Quadro 6 –	<a href="http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000232277">http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000232277</a>
SILVA, Jonatha Rodrigues da. <b>Escola pública do agreste alagoano e a ideologia de gênero: o que o ensino de língua inglesa tem a ver com isso?</b> . 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.	
Quadro 7 –	<a href="https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5221">https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5221</a>
BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. <b>Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher</b> . Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) -	

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.	
Quadro 8 –	<a href="http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1090697">http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1090697</a>

**APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

## TERMOS PARA AS PARTICIPANTES

Sr(a) \_\_\_\_\_

você está sendo convidada/o a assinar este termo consentindo com a participação da *A construção de uma identidade viável na pesquisa LGBT: Viado x Homossexual* tendo como pesquisador responsável o mestrando Igor Antonio Barreto, discente do Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Queremos saber qual é a sua experiência social enquanto pessoa LGBT, como constrói sua identidade e como sente a função social da universidade e da pesquisa. A pesquisa será realizada por meio da escrita de narrativas, com orientações pré-estabelecidas e será digitalizada para a consulta posterior. O agendamento das entrevistas será combinado com cada participante de acordo com sua disponibilidade, via e-mail ou Whatsapp. O pesquisador utilizará também um caderno de anotações durante os encontros para anotar suas observações. Ressaltamos que não será divulgada quaisquer informação cedida durante os encontros, bem como não serão divulgados os nomes das pessoas entrevistadas, idade, pertencimento racial, sexual e de classe, mantendo assim, sigilo absoluto da identificação das mesmas.

Os dados coletados nessa pesquisa serão coletados, mas sem expor dados de identificação dos(as) participantes da pesquisa e nem das instituição de ensino pelas quais passaram e porventura venham a ser relatados. Quando terminarmos a pesquisa, as pessoas participantes voluntárias serão informadas sobre os resultados. Caso você tenha alguma dúvida, pode entrar em contato pelo telefone (42) 998270726.

As pessoas participantes poderão deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas, tendo também todas as dúvidas esclarecidas sobre a sua participação neste trabalho.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo que o(a) aluno(a), sob a minha responsabilidade, participe da pesquisa.

Ponta Grossa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura da participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

**ANEXO A – Parecer Consustanciado CEP/Conep**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
PONTA GROSSA - UEPG



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A construção de uma identidade viável na pesquisa LGBT: Viado x Homossexual

**Pesquisador:** IGOR ANTONIO BARRETO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 63456922.7.0000.0105

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.684.681

**Apresentação do Projeto:**

Projeto de Pesquisa:

A construção de uma identidade viável na pesquisa LGBT: Viado x Homossexual. Pessoas LGBTs nas mais diversas classes sociais e condições apresentarão narrativas ao pesquisador. Esta pesquisa objetiva compreender os benefícios da produção da pesquisa no campo LGBT para a comunidade. De fato a identidade construída

por meio dessa pesquisa é real? Ou é viável para a manipulação da própria pesquisa?

Estes questionamentos são realizados à luz das teorias da nova pragmática e do currículo.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender como a pesquisa acadêmica constrói uma identidade de sujeito LGBT e como esta comunidade é impactada por essa possível incongruência.

Objetivo Secundário:

Compreender como a comunidade LGBT em seus mais diversos extratos sociais enxerga a universidade e a pesquisa. Bem como o impacto da universidade na construção de sua identidade, estilizações de gênero.

Relacionar a identidade de pessoas LGBT com as construções do discurso linguístico cisgênero no ensino superior.

**Endereço:** Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22

**Bairro:** Uvaranas **CEP:** 84.030-900

**UF:** PR **Município:** PONTA GROSSA

**Telefone:** (42)3220-3282

**E-mail:** propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 5.684.681

Apresentar a contribuição do currículo educacional para a (des)construção da identidade da pessoa LGBT na pesquisa e na universidade

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Não há riscos biológicos, apenas no que tange as informações pessoais.

Entretanto orientando e orientadora têm o compromisso e cuidado com as futuras informações.

Benefícios:

Transformar a pesquisa em gênero e sexualidade, linguagem e currículo em ações e agentes afirmativos de transdormação social.

Ser enquanto pesquisador e pesquisa espaço de voz para pessoas historicamente subalternizadas.

Abalizar novos caminhos para a pesquisa neste campo, onde sejam sempre morada de ações de transformação e não apenas de produção.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados no gênero narrativas a serem tratadas com a análise de conteúdo Bardin (2016).

Pessoas LGBTs das mais diversas classes e espaços construirão suas narrativas como participantes e contribuintes da pesquisa, a coleta de dados

acontecerá a partir do contato direto do pesquisador com o participante.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Em anexo e de acordo com as normas 466/2012 e 510/2016

**Recomendações:**

Enviar o relatório final ao término do projeto por Notificação via Plataforma Brasil para evitar pendências.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após análise documental considera-se aprovado este projeto e devidamente autorizado para seu início conforme cronograma apresentado.

**Endereço:** Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22  
**Bairro:** Uvaranas **CEP:** 84.030-900  
**UF:** PR **Município:** PONTA GROSSA  
**Telefone:** (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
PONTA GROSSA - UEPG**



Continuação do Parecer: 5.684.681

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1924174.pdf	19/09/2022 17:34:58		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/09/2022 17:34:32	IGOR ANTONIO BARRETO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPlataformaBrasil.pdf	19/09/2022 15:13:13	IGOR ANTONIO BARRETO	Aceito
Declaração de concordância	Decresponsabilidade.pdf	19/09/2022 14:46:51	IGOR ANTONIO BARRETO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Decpesquisadores.pdf	19/09/2022 14:43:54	IGOR ANTONIO BARRETO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	19/09/2022 14:41:07	IGOR ANTONIO BARRETO	Aceito
Folha de Rosto	Igor.pdf	13/04/2022 08:24:21	IGOR ANTONIO BARRETO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PONTA GROSSA, 05 de Outubro de 2022

\_\_\_\_\_  
**Assinado por:  
ULISSES COELHO  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22  
**Bairro:** Uvaranas **CEP:** 84.030-900  
**UF:** PR **Município:** PONTA GROSSA  
**Telefone:** (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br